

# BOLETÍN DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA

La INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA es completamente ajena á todo espíritu é interés de comunión religiosa, escuela filosófica ó partido político; proclamando tan solo el principio de la libertad é inviolabilidad de la ciencia, y de la consiguiente independencia de su indagación y exposición respecto de cualquiera otra autoridad que la de la propia conciencia del Profesor, único responsable de sus doctrinas. — (Art. 15 de los *Estatutos*.)

Hotel de la *Institución*.—Paseo del Obelisco, 8.

El BOLETÍN, órgano oficial de la *Institución*, publicación científica, literaria, pedagógica y de cultura general, es la más barata de las españolas, y aspira á ser la más variada.—Suscripción anual: para el público, 10 pesetas; para los accionistas y maestros, 5.—Extranjero y América, 20.—Número suelto, 1.—Se publica una vez al mes.

Pago, en libranzas de fácil cobro. Si la *Institución* gira á los suscritores, recarga una peseta al importe de la suscripción.—Véase siempre la *Correspondencia*.

AÑO XXIII.

MADRID 30 DE JUNIO DE 1899.

NÚM. 471.

## SUMARIO

### PEDAGOGÍA

Notas d'um pae, por el *Dr. B. Machado*.—Notas pedagógicas, por *D. M. B. Cossio*.—La coeducación de los sexos en Finlandia, por *Lucina Hagman*.—Revista de revistas, por *D. J. Ontañón*.

### ENCICLOPEDIA

Plan de sociología, por *D. G. de Ascárate*.

### INSTITUCIÓN

Extracto del acta de la junta general de señores accionistas celebrada el día 28 de Mayo de 1899.—Libros recibidos.

## PEDAGOGÍA

### NOTAS D'UM PAE

por el *Prof. hon. Dr. B. Machado*,

Catedrático de Antropología en la Universidad de Coimbra.

A Gigi, que apenas começa a andar, puxa-me pela mão para me levar a ver umas flôres; e ri-se e toda se espaneja de alegria diante d'um botão de rosa, exclamando «O botão!»

Domingos, 4 annos, deante do meu cesto de papeis para deitar fóra: «Papá, que levo?» E logo, vendo um barbante entre os papeis, achou em que despender a sua actividade motriz: «Levo esta cordita para a Rosa.»

«Não venha agora para ao pé de mim!» diz d'outra vez para a creada, com as mãos na agua, porque ella, no receio de que o pequeno se molhe, não o deixa lavar-se sozinho e ensaboar-se á sua vontade.

O poder da acção! As creanças ainda gostam mais de mostrar do que de ver.

Os pequeninos, sem saber ainda o que fazem, riscam umas garatujas no papel; e só depois é que têm idéa do que fizeram. Primeiro desenhavam, que pensam no que desenhavam. E' o que sai.

Que differença entre varios intellectuaes tão embotados e as cabeças virgens das creanças! Uma, que anda na aula de primeiras letras e já vae lendo com desembaraço, pede-me um livro. Dou-lhe uma pequena historia de Portugal, e ella fica ali presa; ao pé de mim, a abrir-lhe as folhas e a lê-la, a meia voz, que nem a voz póde conter, de satisfeita.

Assim como as sensações têm uma certa persistencia, e, por exemplo, duas côres successivas se misturam na visão, assim tambem as percepções se demoram na consciencia e podem encontrar-se e brigar entre si.

A Gigi, anno e meio, que estava a brincar com uma bola cheia de hydrogeneo, poz-lhe o pé em cima e rebentou-a. Tinha os pedaços da pelle na mão, mas não acreditava na destruição da bola, e procurava-a pelo chão e no ar, interrogando: «A bola?»

Quando as emoções se embotam com a repetição, è em parte tambem porque se vão discriminando menos. E dá-se com os vicios o que se dá com as más companhias: enfadam-nos, mas custa-nos a deixá-los, custa mesmo mentalmente.

De muito repetidas, as percepções acabam com o tempo por confundir-se conosco; e, se o objecto nos falta, arranca-nos um pedaço da alma. E' que, desde que o objecto que incessantemente viamos, desappa-

rece, já se nos torna possível discriminar a sua imagem, e ella surge-nos logo com toda a intensidade na consciencia.

Assim se explica á nossa identificação com a terra da patria, e, por menos encantos que ella tenha, a saudade que sentimos, quando a deixamos. E é por isso que a todos acontece, ao morrer-nos uma pessoa familiar, custar-nos a acceitar a realidade do facto: a sua morte surprehende e quasi revolta.

Assim se explica tambem porque chegamos a desconhecer o bem, enquanto dura, e, logo que nos falta, o choramos, e, com elle, quem no-lo prodigalizava.

O Domingos, cortando papeis, chama a uns rebuçados, a outros pastilhas, E' um phantasista do paladar.

Não só do paladar. Tendo repartido castanhas com outro pequeno, pergunta, de olho nas restantes: «Ainda ha muitas?» E, como lhe não restavam mais de quatro, avolumou o sacco que fizera com o lenço, observando: «Assim parece que são mais.»

Gigi não fala, mas já entende immenso. Outro dia o Daniel, com quem ella estava muito contente, falou em lhe dar um remédio, e como é que ella percebeu, que logo desatou a chorar, atirando-se para o collo da mãe? Não sei. Estas creaturinhas parece que adivinham.

Diante d'uma figura triumphal, irresistivelmente um amigo meu começou a trautear um hymno regio.

Gigi, 20 mezes, vê-me a-pôr o chapéu na cabeça para sahir, e logo corre a buscar-me o guarda-sol, que me entrega, «O só, o só!»

E, pegando eu em dinheiro, ella diz logo: «Pól!» (para o pobre).

Dei ao Domingos este recado: «O papá mesmo levará a resposta.» Mas elle, no caminho, poz-se a chorar, dizendo: «Esqueceu-me tudo!» Eram aida palavras demais para a sua idade.

As creanças, para não esquecerem um recado, correm á dá-lo e projectam-no sobre nós.

Aos que não fazem as coisas, porque tudo

se lhes dá, não lhes fica impressão d'ellas; e como hão de agradecer-las depois, se nem as lembram?

As longinquas demonstrações fazem perder de vista ó seu alvo. Não se ince de minucias o raciocinio.

Dava-se ao Domingos uma coisa melhor do que outra que se dava ao Dino. Mas era mais pequena. E elle queixava-se: «Não quero isto, que é menos. O Dininho tem mais.»

«Seu comilão!» disse ao Domingos, que, na quinta, engulia uma laranja com grande gaudio. «Todos estão a comer!» justificou elle, generalizando, como quem não tinha remedio senão fazer o mesmo que os outros.

Outra occasião, ficou-se a brincar e não veio logo dar-me bons dias. Extrahei-lh'o. «Então ainda me não deu bons dias?» Resposta: «A ninguem!»

As creanças deitam fóra seja o que for que na occasião lhes não sirva. E depois arrepelam-se por o não terem.

Quando uma creança intelligente não comprehende, tem logo a tendencia para crer que o livro está mal ou o professor não explicou ou não sabe bem. Se é pouco intelligente, descrê de si. E nem á petulancia é vaidade, nem a timidez modestia, Simples questão de força ou fraqueza.

A creança, na afflicção de não ter já tempo, a ultima hora, para apprender a lição, ataranta-se e nada chega a entender

Dino, 5 annos, observa-me: «Papá! quando eu fecho os olhos, a Gigi tambem fecha os d'ella» (Ella tinha 1 anno).

Só por imitação se chega a tragar o tabaco e o alcool. A principio não ha ninguem a quem não repugnem.

As creanças falam, atravessando-se ao que os outros dizem e não deixando ouvir a mais ninguem, porque não podem reter-se.

Quando o Dino vem para me falar, eu dou-lhe de chofre uma ordem; mas elle que não póde reter o seu recado, só d'ali a pouco me pergunta: «Que é, papá?»

Estava eu a lavar as mãos, e, no impeto inconsciente, o Antonio, que acabava de

limpar a espingarda para sahir a caça, todo apressado, diz-me, como a querer tomar-me o logar: «Deixa-me lavar as mãos?» Mas lodo cahiu em si, a sorrir.

Em vez de pedirem licença para sahir, os pequenos dizem—«Vou!»—a ver se a sua desisão se impõe aos paes.

Um estudante, de 15 annos, não sabe das lunetas; e, emquanto todos se desesperam a procurá-las, elle, habituado a que tudo lhe appareça diante, não faz sequer o esforço de ver se as tem no bolso. E, a mãe que, por fim, lá lhe vae dar com ellas.

O mesmo rapaz tem a testa cheia de espinhas, porque está continuamente a coçá-la, até fazer sangue. «Porque me não dá um remedio para isto?» diz-me. O remedio está em ti, não coces! Mas essa força de vontade é que, em geral, falta; e pede-se um socorro extranho.

Ha pessoas de excellente memoria, mas que não podem servir-se d'ella por si. Não lhes occorre nada a seu tempo. Se lhes perguntam, por exemplo—«Em que dia é que F. faz annos?»—respondem logo e certo; mas o dia anniversario passará, sem que de tal se lembrem.

Vinhamos no comboio, e o Antonio tinha mettido o guardasol na rêde da carruagem, deixando sôbre os assentos o chapéu da cabeça. Disse-lhe que o mettesse tambem na rêde. Quando chegámos a Coimbra, elle foi logo ao sitio procurar o guarda-sol, mas não dava com o chapéu. E' a superioridade da memoria dos actos que são da nossa propria iniciativa.

Ha creanças tão pessoaes, que não podem fazer de prompto o que se lhes manda. Hão de primeiro olhar, examinar, considerar, reflectir.

O mau é o exaggero, é que tudo se ponham a impugnar, ainda que seja pelo desejo de saber e de se convencerem.

Por mais que um dia lhes gritemos para as avisar de algum perigo, não se afastam de prompto e são victimas. Clama-se-lhes—«Recuem-olhem que têm ao pé um precipicio»—, e ellas, a perguntarem—«Onde? Porque?»—cáem ao fundo.

As creanças teimam, porque a força das suas impressões lhes dá uma inabalavel certeza. Eu, em geral, vou por ellas.

Certas pessoas, o modo de as levar é não lhes dizer que não. Contrariando-as, enchem-se de razão e vão com a sua por deante.

Outras são tão fracas, que só podemos contar com ellas, desde que tivermos por nós a maioria. Estão certas, para quando não forem precisas.

Os moços vão para as más companhias para poderem fazer alguma coisa. Se em casa, e entre gente séria, não os deixam fazer nada...

Na Eschola Marquez de Pombal, os operarios tinham tanto gosto pelo estudo, que era preciso apagar-lhes a luz para se irem embora!

Uma pobre cega, que punha tudo em ordem na casa, respondeu aos cumprimentos que uma vez por isso lhe fizeram, que, como não via, não poderia encontrar nada, se não tivesse cada coisa no seu logar. Lembremo'-nos de que ordinariamente nos movemos, todos, muito ás cegas tambem.

Já dos 15 annos para 16, ha creanças a quem não se póde entregar uma chavena, sem que ellas a deixem cahir e partir-se pela escada abaixo.

O estouvado faz o mal e nem dá por nada. Ainda depois pergunta: «Que foi, que fiz?» E nega, e parece-lhe impossivel.

Os filhos dos ricos, já homensinhos, e, por negligencia, não se lembram sequer d'um recado, para o darem.

A creança chama por uma pessoa, que está occupada; para a distrahir, offerecem-lhe e dão-lhe qualquer coisa. Não troquem uma pessoa por uma coisa!

O proprio prazer vae-se acendrando. A creança vê uma flôr: logo quer colhê-la. O moço vê uma rapariga formosa: faz tudo por possuí-la. Mas com o tempo chega-se a reconhecer que o que ha de realmente bello na criação, é a sua graça e pureza, a sua espiritualidade, que se não colhe nem póde possuir nunca.

Não vindo o Domingos pontualmente, como de costume, ajudar-me a vestir, porque naquella dia tinham chegado as irmãs e estava todo entretido com ellas, repellí-o, quando me appareceu, dizendo-lhe que já tinha commigo o Dino. E elle voltou muito satisfeito para a brincadeira, explicando que o papá só queria o Dino. Um modelo de obediencia!

Dei-lhe duas amendoas, a maior para elle levar á Izabel; e, vendo-lhe essa depois na mão, ao meu olhar, replicou elle de prompto: «A Izabel escolheu a outra.» Que respeito pela liberdade humana!

Nen, tendo por nós a razão, numa pendencia com qualquer pessoa, a temos para sermos desabridos contra ella. Ninguem tem nunca razão para ser insolente e descortez.

A defenza que se demanda em excessos de retaliação, torna-se sempre odiosa. Só é licito o ataque imprescindivel á defenza.

As pessoas habituadas a que os outros lhes façam tudo, não cuidam de nada, e, ainda, quando os seus subalternos se esquecem de qualquer serviço por falta de direcção, desculpam-se, inconscientes da sua incuria, lançando-lhes em rosto a confiança que nelles depositaram.

Confiança? Não confiaram tal nelles, abandonaram-lhes o serviço.

A confiança publica dá-se muitas vezes assim, por descargo de consciencia. Ter confiança nos governantes é o que ha de mais commodo para não fazer nada, declinando tudo nelles.

A curiosidade é boa, mas dentro dos seus limites. Ha pessoas que se debruçam carinhosamente sôbre as consciencias complicadas dos maus. E' uma especie de tentação do abysmo. Maus, nem lidos em romances!

E muitos, quando explicam uma torpeza, tão satisfeitos ficam de si, que a desculpam e até a apreciam. A que fórma póde chegar a gratidão?

A urbanidade é um começo de bondade.

«Hoje veio o papá, já o dia está bom!» diz amavelmente a Rita ao meu regresso a

casa. 6-7-98. E' que para ella o papá merece tudo, ou tem virtudes para tudo.

Para eu tomar o café com leite, ahi vêm, a Rita com o leite, a Maria com o café, a Quina com o assucareiro e o Dino com a tenaz do assucar. Falta o Domingos na procissão, porque está de cama, coitadito! Senão, havia pelo menos, de pegar á uma aza do assucareiro.

O Dominginhos, todo feliz, porque lhe pedi emprestado o lapis com que a mãe acabava de presenteá-lo. «Quer o meu lapis?» E, depois, para a mãe: «Emprestei o meu lapis ao papá. Empresto a todos!»

Domingos, 3 annos, corre sempre para mim, quando eu chego a casa; mas um dia que, na brincadeira com o Dino, o feriu, não se atreveu a apparecer-me senão depois para me entregar uns jornaes.

Guerra ao mal! mas commiseração pelos maus, perdão para elles

Pensar que se está de saude, proceder como quem a tem, é sempre excellente para alcançar. Mas o melhor cordial é ainda esquecermo-nos de nós para só cuidar nos outros.

A saude em mim está intimamente captiva da satisfação de consciencia. A minha questão physica é sobretudo uma questão moral.

A Gigi pede toda anciosa que a vistam, e não é por tafularia, coitadinha! mas porque a não deixam sahir como anda por casa, e ella quer passear, quer ir aos tões (botões), que é como chama ás flôres.

E não ha dia em que se não chegue para mim, a pedir *ape* (lapis) e *papexe* (papel), e depois *có* (collo), para que eu lhe desenhe.

Dei dez réis a uma pequerrucha, que m'os pedia para bôlos; e ella, em vez de correr á busca da guloseima, foi-se sentar com a moeda na mão. «Está a vê-los», disse a irmãsinha mais velha.

Como a curiosidade alvorece cedo! «O' mamã, (sente-se)!», diz a Gigi, de pouco mais d'um anno, com um livrinho de figuras na mão para que a mãe lh'as expli-

que. E, depois de ouvir varias historias, ainda pede: «Mais!»

Ainda os pintainhos estavam e estiveram na casca, e a Rita, ao pé do chôco, já os sentia piar!

Creanças, no impeto do seu desejo, consideram e vêem mesmo eguaes os objectos mais diversos. Fazem do preto branco e imaginam grande ó que é pequeno e muito o que é pouco, ou reciprocamente. Com o desejo de ir á quinta, apesar de chover, diz a Maria: «Não está a chover!» Para ella effectivamente é como se não chovesse, porque não importa a chuva; e não a vê!

Como Domingos pensa:

«A Joaquina trouxe um passarinho.— Está vivo.—Só chegando o dedo ao bico, muito, elle morde.»

«Quanto custa uma pistola?—que os manos quebraram — que o papá comprou para Dininho. Quanto custa? — dez réis? Uma pistola assim, d'este tamanho?—de fulminante? Cinco ou dez réis? Que é mais?»

O crescimento da intelligencia é manifesto. Domingos chorava, ao ver-me dentro da carruagem do comboyo, — onde eu fôra dizer adeus a minha mãe—, por imaginar que o comboyo ia partir commigo; mas Dininho, de mais um anno, accrescentou que, se eu fôsse no comboyo, poderia apear-me logo na estação immediata, em Matto-sinhos, a poucos passos de Leça onde estamos.

Subtileza infantil. A Alice Barjona, de 8 annos, parada com a tia Isabel em frente d'uma confeitaria, depois d'ali estar algum tempo, pergunta-lhe: «Para que será que estas lojas têm tanto doce, se ninguem o compra?»

O Domingos vai dar um recado, dá-o logo cá de cima, tão de longe que não o ouvem. Mas elle não pode reprimir-se mais. Não é por preguiça de ir até lá baixo, não; é porque se não contém.

Outra vez, que levava um recado, volta, a meio caminho, exclamando em voz lastimosa: «Que é, papá? Não me lembrei mais!»

E depois atira logo para fóra o recado, pondo-se a grita-lo de longe.

«Que recado deu, que disse á Rosa?»  
Resposta do Bernardino: «Já não sei. Como ó papa disse!»

A memoria pode, pela sua promptidão, prejudicar a intelligencia.

Tive um companheiro de casa, estudante de memoria tão feliz, que se não dava ao incommodo de entender as lições. Se as decorava mais depressa! E até por isso passou por menos intelligente.

Lembrar, prevenir, nem todos o fazem. Muita gente vive só no tempo presente. Regressar em mente ao passado ou transportar-se ao futuro, não é para todos.

«Ah! este Domingos faz o que quer», diz a mãe. E elle, em vista de tal lei, vai effectivamente fazendo o que lhe parece.

Os intellectuaes são muito propensos a converter simples divergencias de opinião em dissentimentos e antagonismos pessoaes profundos. São intolerantes, elles que deviam ser os sacerdotes fieis da liberdade do pensamento. Vejam-se especialmente as questões entre grammaticos e philologos. Por causa da pronuncia ou orthographia d'uma palavra chegam ás do cabo, e ficam para sempre inimigos irreconciliaveis.

Varios intellectuaes têm a illusão de que são elles que dictam á verdade neste mundo. Tudo pode ser, a seu arbitrio. O vulgo ignaro que os admire e creia. Ainda se fôsem só os theologos, que á põem noutro mundo! Mas não. São todos os que ambicionam orgulhosamente o reino da terra, e tudo pretendem, até o poder de fazer a verdade.

Mesmo os prazeres intellectuaes, é preciso modera-los. O pae dá ao filho um romance, e depois o filho, absorvido na leitura, nem bons dias dá ao pae.

O bem estar ou mal estar é communicativo.

O encanto que as creancinhas derramam em torno a si, pela casa! A Gigi, ao erguer-se de pé sobre a sua cadeirinha de palha, chama, victoriosamente, á minha attenção: «Oh, papá!» E todos olhamos para ella enternecidos, no mesmo enlevo, á mãe, eu e

os irmãos. Até o Dominginhos fica extasiado, a contempla-la.

Isto faz vontade de morrer, parece que disse Herculano. Não faz, más difficulta um tanto a vontade de viver, o que dá na mesma.

A pequenina Gigi tomou o costume de adormecer com um dedo na bocca. Pois outro dia, aninhando-se numa cadeira, annunciava-me que ia dormir «Naná», e lá chuchava ó seu dedinho.

Gigi teve um rebuçado, mas quer outro. Objectam-lhe: «Ainda tem um na bocca.» E ella engole-o. E' a tentação do mal.

Ainda aos quatorze ou quinze annos se é como aos quatro. Não imaginemos que o homem se faz depressa e contemporizemos com a natureza. Nada, pois, de severidade antes do tempo! O Antonio é ainda ás vezes como o Domingos: um nada o distrahe e prende e absorve. As mesmas teimices, á mesma cegueira de temperamento.

Mas é preciso ir vencendo os destemperos do automatismo.

As creanças estouvadas convertem as melhores coisas em más; fazendo, por exemplo, a leitura, quando deviam tomar o banho ou sentar-se á mesa para jantar, ou quando, no comboyo, deviam ver a paisagem. Ordem!

Não se confundam os fortes movimientos da alma com a vontade. Muito se arrebatam precisamente os animos incapazes de se dominarem.

A mesma confusão que as creanças fazem com a roupa, vestindo indistinctamente, em qualquer occasião, ó novo e o velho, contagia-se-lhes ao trato e fazem com as pessoas, não distinguindo as que merecem o maior respeito.

Exercitem-se tambem as faculdades, como se apprende a andar e a falar, automaticamente. Mas é, em todo caso, mistér adquirirmos a capacidade de executar todos os actos pela propia iniciativa, pois só assim teremos na mão a chave do nosso destino; o que não tira, é claro, que a vontade deixe uma larga margem ao automatismo para se

alliviar de encargos e para, ligando solidariamente um acto com outros, olhar de cada vez só por um, para poder olhar bem.

A idiotia é sobretudo uma doença da vontade. Sem esforço, nada; pelo esforço, tudo.

Desde a eschola, a verdade tem de ser até certo ponto descoberta pelo proprio estudante, o que não quer dizer que elle faça sciencia nova, mas sim que adquira por si toda a que se acha já feita.

A intelligencia não é nenhuma facultade receptiva, a modo d'um tonel, onde se deite a sciencia, e d'onde ella esguiche, quando alguém lhe abra a torneira. O que então sai, são escorralhos de palavras, que não dizem nada.

O Domingos, fazendo construcções: «Já sei fazer esta sem livro. Quantas já fiz sem livro! 6, 7, muitas.» E, como eu lhe recommendasse que, para fazer mais, sempre era melhor pedir á mãe figuras: «Eu invento sem figuras», replicou-me num tom de queissume. E depois: «Vê como invento cruzeiros? olhel!»

O apprendizado do esforço é lento. Quasi todas as creanças acceitam e tomam de bom grado as situações mais commodas.

Gabavam sempre tanto o talento do seu irmão mais velho, que um rapaz, apesar de muito intelligente tambem, julgava-se com direito a não estudar, e explicava: «Quem tem talento, é meu irmão.»

Domingos chorava, ao ir para o banho, e ficava depois sem appetite, febril. Disse-lhe: «O menino vai á praia com os seus irmãos, mas toma ou não banho, como quizer.» Logo no primeiro dia resolveu-se a toma-lô, mas ainda lhe custou e quiz ir ao collo; no outro dia, já entrou no mar pelo seu pé.

E não se tenha receio do *personalismo*. A Gigi pede-me *papexe* (papel) e *ape* (lapis) e põe se a rabiscar; mas, como não lhe saía nada que preste, volta-se para a Rita, entregando-lhe a papel e o lapis: «Tita, fa!»

A desordem juvenil é muito a desordem da educação. Nos primeiros tempos, as

creanças não são tão estouvadas como se imagina.

«Gigi está a dormir, não posso ir lavar-me ali, vou ao quarto lá dentro», diz-me o Domingos, só de cinco annos, estacando á frente do quarto da irmãsita. Ora ahi têm o que é um homem d'ordem! Escuso de accrescentar que elle é tambem muito amigo da Gigi.

Jeronyma, quinze mezes, não deixa nada fóra do seu logar. Se algum papel encontra pelo chão no meu gabinete, vem logo com elle: «Papá, papá!» E Domingos, cinco annos, é ainda grande arrumador. Elle, pondo tudo em ordem sôbre a minha banca de estudo. «Cannetas para aquil...»

Gigi, que começa á andar, de vez em quando tenta á sua ascenção pela escada; mas, á cautela, está no patamar de baixo á espera de que mais alguém queira subir, e larga então na frente, indo sempre a espreitar se é acompanhada de perto.

E' a prudencia que já engatinha tambem.

Só um espirito doente pode propriamente ser accusado de erro. Cada um está, em geral, na verdade da sua instrucção. E' porventura licito amesquinhar a intelligencia até d'um Newton, averbando de falsa qualquer theoria sua, que para o tempo e para os factos que abarcava, servia? O que se chama erro, não passa, as mais das vezes, d'uma concepção incompleta. E quando chegaremos a completar as nossas idéas, seja sôbre o que for?

E' em nome da logica que certos professores pretendem que os discipulos pensem como elles, exactamente pela mesma orden; mas esquecem-se de que é sôbre o modo de pensar dos seus discipulos que elles proprios deviam estudar a logica e rectificar a sua.

O estudo que se faz nos nossas aulas só por livros e palavras, tão longe dos factos! não deixa no espirito um saber vivo é fecundo, mas apenas uma especie de sonho vago e esteril.

E que esforço não é preciso para, con as simples observações vulgares, ao alcance ordinario de cada um, se imaginar tudo, de tão longe?

E nas nossas aulas crê-se que é pela concentração do espirito sôbre as theorias que a sciencia progride, e isso não basta: sem novas observações, quasi nunca se descobre nada de novo. E, depois, o abuso das theorias chega ao ponto de se pretender architecta las sem factos! Não são theorias, são chimeras.

Que educação a nossa! O espirito dos chamados intellectuaes é tão vacillante e cahotico, que não é raro vê-los terminar as suas questões, decidindo-as como as creanças, pelo sorteio.

A sua instrucção verbalista faz com que elles defendam o pró e o contra con equal afoiteza.

Não é nenhum privilegio de classe o sentimento esthetico! Uma pobre mulher do povo, com a filha ao collo para o cabelleiro lhe cortar o cabelo, diz-lhe que o não quer rente, que deixe ficar uma cabelleira á sua menina.

Como as naturezas simples são faceis de conduzir! Eu disse á Gigi que não mexesse na caixa das construcções, porque, d'onde estava, podia cair-lhe em cima dos pés e pisa-la. No dia seguinte, ouço-a: «Papa, tira!» e eu só soube o que era, quando ella me levou deante da caixa.

E, passados dias, querendo uns exemplares de minerio, que estavam noutra estante, embora ao seu alcance, não lhes deitou a mão, mas veio ter commigo: «Tira papá!»

Creanças, egoistas, de tudo fazem pretexto para não servir os outros. Forjam as interpretacões mais complicadas das ordens mais simples e claras que se lhes dão, só para retardar a sua execucao; e até, se é preciso, lançam mão do recurso de fingir que não entendem, e o caso é que chegam effectivamente a não entender nada do que se lhes ordena. A rebeldia tem este castigo.

Tantos annos de egoismo nas nossas escholas dão os seus naturaes fructos venenosos. Os nossos homens cultos estão a cada passo a provar na vida a sua falta de senso moral.

A quasi todos falta o culto da verdade. Não é tudo discutível? Tudo, pois, lhes parece defensavel; e julgam-se no direito de ter sempre as opiniões das suas conveniências.

Com que impudor se arrogam mesmo a prerogativa de dispôr dos fóros da verdade! Crêem que ella é propriedade sua, de que podem usar a seu talante: dá-la, troca-la ou vende-la.

Possuirão a verdade, mas a verdade é que os não possue.

Os que a dão, passam por bons.

A maior parte ama as corporações a que pertencem, emquanto as dirigem. Fóra dos postos dirigentes, são os seus mais crueis inimigos. A sua dedicação social é apenas uma fórmula do seu amor proprio.

Não se imagine que a sua indisciplina provém da sua paixão de independencia. Não!

Quando entre consocios não alcancem o mando, não recuam deante das mais ignominiosas subserviencias para requestar fóra apoio, titulos e beneficios com que se lhes imponham.

Não vêem como até na grande corporação do estado os descontentes ameaçam a nação com o estrangeiro?

Tudo menos obedecerem livremente ao governo dos que são, senão os seus eleitos, os eleitos da sociedade cuja constituição elles approvaram ou acceitaram! Do que não são capazes, é de obedecer ao dever.

Nada mais triste do que ser correligionario ou collega de tal gente. Não é darmos-lhes o direito de se considerarem nossos eguaes, é darmos-lhes a liberdade de nos desconsiderarem por igual consigo. Por isso talvez um homem illustre da nossa terra costuma dizer que a nenhuma sociedade pertence senão á sociedade humana, e que é d'essa, porque não pode deixar de ser. Mas quem ha de então fazer a campanha da sociabilidade?

Uns gostam de ter importancia pelo que fazem, outros pelo que se difficultam e negam.

Quando alguem nos presta serviço espontaneamente, sem pensar em paga, não é occasião de lh'a darmos. Agradeçamos lh'osó, que é tudo que mais grato pode ser a um coração generoso. Nada de deturpar uma bôa acção, tornando a interesseira! E' pobre quem a fez? Basta não nos esquecermos de lhe ser reconhecidos.

A materia attrahe a materia na razão directa das massas e inversa do quadrado das distancias. Ha tambem uma lei assim do espirito e da sociedade.

Meu pae! Quando alcanço algum triumpho, a minha maior magua é que elle não possa presencia-lo. Nem em minha casa ha festa perfeita, desde que elle morreu.

Pessoa das antigas relações da minha familia, a quem eu seja apresentado, logo me diz: «Já o conhecia por seu pae.» Eu era o seu assumpto predilecto. A todos falava de mim. E, quando alguem o procurasse, estanso eu a ferias, perguntava-lhe logo: «Já viu o Bernardino?»

Os templos, as festas, as procissões são grandes homenagens prestadas á virtude nas suas mais bellas encarnações, tão prodigiosa em Christo que elle pareceu divino.

E nada mais sympathico do que esta adoração que a humanidade vota, acima de tudo, á virtude. Passam os seculos, e a lembrança dos bons continúa sempre viva no coração dos povos.

O erro e o vicio das seitas é pretenderem tornar incompativel o culto do bem com o amor da liberdade. Apropriam-se da virtude para com ella se impõem, e nem consentem que ella se adore senão pela sua cartilha.

O dever não custa tanto como muita gente cuida. Estamos dispostos para elle. Mas isto não quer dizer que nos não acautelemos das suggestões malignas. Da vaidade, por exemplo.

Ha estudantes, tão cheios de presumpção, que, se uma vez não souberam bem o lição, fallece-lhes o animo para redobram de esforços, e, em logar de nos dias seguintes se applicarem mais para resarcir o perdido, passam a dar-se ares superiores de quem

não precisa de fazer caso da aula e do ensino do professor, de quem lhes não liga importancia. Figurões! E ou se tornam chefes de discolos entre os condiscipulos dentro da aula ou de extravagantes lá fóra. D'algum modo se hão de mostrar *distinctos!*

Assim são tambem certos adultos. Se não brilham fácilmente nãs sociedades ou no partido a que pertencem, perturbam-nos ou deixam-nos com espalhafato.

Dá-se um par de luvas a um rapazito, elle fica logo com vontade de sahir para se mostrar com ellas. E ha de custarlhe a descalçá-las para deitar a mão a qualquer serviço. O luxo não representa só desperdicio de dinheiro, mas tambem dissipação do espirito.

A muitos respeitos, é merecido o sarcasmo do gallego chegado a Lisboa, que escreveu para a familia: «O paiz é bom. A gente é tola: a agua é d'ella, e nós vendemos-lh'a.»

As raparigas escapam mais ao atrophiamiento das aulas. Emquanto os rapazes lêem nos livros, ellas lêem nas pessoas, d'ahi a sua maior penetração e tacto social, e lêem na vida, d'ahi o seu maior senso pratico. E' que o ensino é como a medicina: antes nenhum do que mau.

Hoje sai-se das escholas para os cargos officiaes; a grande reforma consiste em sahir-se das escholas para as profissões e só d'estas para a vida publica.

A Gigi queria não sei já o que; mas, ao pedi-lo com o seu pratinho na mão, bateu com elle na mesa, e a melodia dos sons deu-lhe tanto gôsto que a distrahiu do manjar.

A mesma, onze mezes. Queriam-lhe dar de comer com a colher, e ella por força que havia de levar a comida á bocca com a sua propria mão.

Domingos não é de meias medidas. Perguntei-lhe o que tinha visto no Jardim botânico. Respondeu-me, como o celebre orador d'um romance de Camillo: «Vi tudo!»

Que é ás vezes o talento? a facilidade de acceitar os preconceitos estabelecidos. E a estupidez? a resistencia ao erro commum.

Os rapazes que numa aula pouco estudam no primeiro anno, arriscam-se a não estudar nada no seguinte, quando a repitam, por imaginarem que já sabem alguma coisa.

A Manuela, apesar dos seus 16 annos, vai escrevendo logo um nome, para ella novo, com que ha de subscriptar a cinta d'um livro meu, com receio de o esquecer d'ali a pouco.

Ha pessoas que são sempre as primeiras a dizer bem de si, provavelmente para darem o exemplo. Contam com o poder de imitação.

D'ellas a custo se conseguirá o cumprimento de dever que importe un sacrificio. Por quem se sacrificarão, se, no seu entender, valem mais que ninguem?

O proprio dos homens superiores é não estarem nunca inteiramente satisfeitos consigo.

Por preguiça, as melhores intelligencias estagnam e tudo nellas adormece.

Quando parece que nos não falta nada para fazermos uma coisa, quantas vezes nos não falta o principal, que é a vontade de a fazer! E por isso tantas vezes se não faz.

Por falta de esforço para pensar, muitas pessoas não procuram a razão que os outros podem ter nas suas opiniões, e não lh'a dão e tornam-se mesmo insolentes para com elles.

As luctas da vida são necessarias á educação da vontade.

A vontade avigora-se na lucta. Mas não se confunda com ella!

Quantos rapazes deixam de estudar para as aulas, porque é obrigatorio! Até o meu filho Miguel, convidado a passear no cavallo que eu lhe dera, repontava: «Tenho agora a obrigação de montar!»

Domingos quer ir á quinta, mas a mãe tinha-lhe recommendado que não sahisse do quarto para não peorar da constipação. Elle então pede licença para ao menos descer ao rez do chão; e obtem-na e contenta-se. Assim vai apprendendo a ter espirito de resignação. O optimo é inimigo do bom, lá diz o nosso povo.

A obrigação deve tornar-se em imposição da vontade e a obediencia em disciplina propia.

As pessoas, fracas de vontade, que, por mimo, se habituaram a facer quanto lhes passa pela cabeça, são arreliosas, se os outros se lhes não impõem. Diz-se a uma: «faz-me isto?» e faz; diz-se-lhe: «faz favor?» não faz. Não podem ficar muito entregues a si, precisam d'um impulso extranho para procederem. Muitas vezes é preciso mesmo pôr de parte delicadezas, e dizer: «façal»

«Fui eu sósinho!» exclama toda ufana a creança, que conseguiu só por si abrir a porta.

O amor da independencia, em excesso, leva varios sujeitos a não procurarem, nem permittirem collaboração. Torna-se num sentimento egoista, anti-social.

Algumas pessoas das classes superiores empregam palavras e trajes plebeus para se darem liberdades que os outros das classes médias não têm.

Aos nossos intellectuaes acontece o mesmo que aos rapazes dos doceiros: depressa se enjoam das coisas do espirito.

Dizia-me uma rapariga: «Tendo um livro, tambem eu cozinho.» «Julgue-o por si, depois, comendo do seu cozinhado» respondi-lhe.

Quem faz a lingua, é principalmente o povo. E até por isso o seu estudo tem virtude. E' uma lição de democracia.

A linguagem dos maus é denunciativa. Certo individuo, depois de ter procurado um livro numa bibliotheca publica, veiu contar-me que elle *desapparecera*. Ponderei-lhe que o mais provavel era simplesmente que o não tinha encontrado.

Os synonymos dão-nos ás vezes voltas ao miolo. De patife passa-se a manhoso, ardiloso, de ardiloso, á esperto, fino, e de fino á intelligente, talentoso, genial. D'onde a confusão vulgar entre un patife e um genio. E já é um progresso que o homem superior não seja condemnado por bruxaria e artes demoniacas.

Provou-se outro dia pela estatistica que em Portugal morrem annualmente 20 mil tuberculosos! Nas classes abastadas, é em grande parte por falta de exercicios phisicos.

Por falta de coordenação dos seus actos, d'a proposito, muita gente faz do bem um mal.

Mesmo o amor do saber, é necessario regulá-lo. Para dar bôa lição, um rapaz lia ao jantar, e imaginava-se justificado pelo seu dever de estudo.

A ambição dos grandes planos esteriliza muita vez a acção. E' como quem está á espera de poder dizer bellas coisas para escrever aos amigos ou parentes, e acaba por lhes não escrever nunca, nem que ellas appareçam, o que aliás é raro. Quem escreve todos os dias, é que tem sempre que dizer.

Só exercitando-nos continuamente, ainda em occupação somenos, nos habilitamos para practicar grandes feitos.

Onde fazem os alumnos das nossas Faculdades o seu apprendizado social? Ha sobretudo uma Faculdade curiosa, é a de direito. Tem por objecto as relações sociaes, e, que eu saiba, em Coimbra, os rapazes, as unicas relações sociaes que têm, é com as serventes! Não parece pratica bastante. A sociedade não é para os dirigentes um bando de serventuarios.

Que desconcerto na educação hodierna! A educação chamada humanista é tudo que ha de mais egoista, e a professional é mais do que humanista, porque é a educação do sacrificio.

Entre nós, um rapaz, só depois de formado ou doutor, começa a viver, e não é facil de aturar, porque ainda precisa immenso de aprender para governar-se e quer logo governar os outros, com o direito das suas *cartas*. O resultado é cavar-se cada vez mais funda a separação entre dirigentes e trabalhadores.

Succede-lhe como a um antigo lente meu conhecido, forte em theorias e hypotheses, mas sem pratica nenhuma, que tinha un preparador, habil tecnico mas mediocre e pouco lido intellectual: não chegaram nunca a

entender-se. E o ensino ficou assim repartido: a aula para o palavriado e o laboratorio para as maçadas.

A educação das raparigas leva vantagem á dos rapazes, porque as mães as associam aos trabalhos caseiros. Em algumas familias são ellas mesmas que cortam e cozem os seus vestidos, enfeitam os seus chapéus, etc. D'aqui sem duvida a sua boa disposição para os outros, o seu animo serviçal.

A educação das raparigas, por ter sido mais descurada pelos poderes publicos, lucrrou até certo ponto, porque não perdeu tanto o seu character social, familiar. São ellas que os paes e os irmãos chamam em casa para tudo: para arranjar a sala, para dobrar os guardanapos e adornar a mesa, para dar um ponto, para arrumar uns livros, para copiar um artigo. E são ellas que trazem á vida de interior, com a sua graça pessoal, os encantos da musica, da dança e até da conversação.

Não ha muitos annos, um professor de ensino superior para os discipulos, já bacharelados: «Podem ver esse apparatus novo, mas não lhe toquem!»

Em Genebra, uma elegante marselhêsa interpellou-me: «V. suppõe que pela educação se poderá fazer d'uma pobre camponia uma mulher como eu?» Respondi-lhe: «Parece incrível, mas pode!»

E' frequente ouvir da bocca dos nossos professores esta condemnação fulminante: E' um estúpido! E não ha applicação que salve o desgraçado. Até, por isso, o humilham: Estuda como um burro!

Pois a condemnação, além de deshumana, é que não tem nada de razoavel. Quantas vezes, ainda durante o seu curso, o estúpido dos primeiros annos se torna, pelo seu esforço e trabalho, num dos mais intelligentes dos annos adeantados! Entre outros, conheço um homem, do maior merito, hoje geralmente reconhecido, cujo talento se foi gradualmente desenvolvendo nas aulas.

A habilidade do professor não está em ensinar aos que por si tudo apprendem, mas aos menos senhores da sua intelligencia, que precisam de direcção.

A moda agora é o naturalismo, e compara-se a sociedade com um organismo. Esquece-se que é preciso que o corpo social saiba o que pensa a cabeça. Não nos deixemos levar pela imaginação das analogias!

Se observarmos a estructura da nossa nação, encontraremos a seguinte distribuição das camadas sociaes:

Classe superior:—Não ha, quasi. Apenas representada por um ou outro nacional.

Classes médias: 1.<sup>a</sup>—principalmente francezes, inglezes e allemães, todos os quaes sabem ler e escrever;

2.<sup>a</sup>—muitos italianos,  $\frac{5}{4}$  dos quaes sabem ler e escrever.

Classe inferior:—Em grande numero, 20:000, hespanhoes, metade dos quaes sabe ler e escrever.

Classe infima:—Quasi só portuguezes,  $\frac{4}{5}$  de analphabetos.

E comtudo os portuguezes herdaram facultades e instinctos preciosos, inexcediveis. Mas tudo se vai desperdiçando, á falta de instrucção.

Sem duvida que a bondade tem seus perigos. Como dos bons não vem mal a ninguem, poucos se importam com elles. Não são de recear. Mas d'aqui só se infere que não devemos confundir bondade com fraqueza. Quando não somos só misericordiosos para com os maus, mas ao mesmo tempo intransigentes com o mal, aí! não nos faltam luctas. Ser bom não custa tanto como muitos imaginam, mas tambem não é sinecura nenhuma.

Numa sociedade fraca até a má creação é uma força! Ha que contar com os cotovellos do mal creado.

Nas terras pequenas succede ás idéas o mesmo que á roupa: duram annos e por isso poucas bastam. Como não ha grande trato social, saem raras vezes á rua, não se lhes dá uso, não se gastam. Por isso parecem sempre novas, e nessa illusão se vive.

Nem o tempo se sente correr. Se não ha com que comparar a marcha das estacões! Quando as olaias florescem de novo, ainda nos parece que pouco antes ellas tinham aos pés o seu tapete de flores. D'isto se resentem os estudos na provincia. Os professo-

res, no seu isolamento, fazem grandes planos de trabalho, mas quasi nada, porque nada os apressa.

A timidez excessiva, o acanhamento, azéda.

Umas raparigas, que estavam a lavar no Mondego, pediram-me dez réis. Disse-lhes que viessem buscá-los. Acanharam-se, e depois cobriram-me de apódos pelas costas.

E' preciso convencer a creança applicada de que, nem por amor do estudo, lhe é licito abandonar as suas obrigações sociaes, especialmente para com a familia. Temos o dever de nos instruir, mas temos primeiro e sobretudo o de fazer o bem. A instrucção, em si mesma, é meramente egoista; e nem devemos estudar demais, o que é prejudicial, nem devemos fazer como aquelle personagem de Julio Diniz que passava a vida a comer e a esperar pelas horas de comer, passando-a nós só em estudo e recreio. Trabalho! Serviços!

Ha nas creanças uma disposição natural para a amabilidade. A Gigi, de vinte mezes, que mal ainda póde falar, vendo-me de pé, ao lado d'ella, que está sentada á mesa, aponta-me para uma cadeira, ali desoccupada: «Tem! tem!» (Que tenho ali uma.)

Chegando eu tarde a casa, quando já passava da hora do jantar e todos estavam á minha espera, a Gigi foi logo puxar pela minha cadeira «sental!», e, depois, por traz de mim, empurrava-a para me ajudar a sentar-me depressa á mesa.

«O papá quando faz annos?» perguntava a Rita no dia anniversario da Manuela. E, como ainda faltassem mezes, commentava, quasi suspirando: «D'aqui lá!» Tinha pressa de me festejar.

A vida da mulher, até organicamente, é de sacrificio.

Todos os paes se tornam avós para os ultimos filhos.

A virtude transmite-se sob a fórma de instincto da ordem e do bem.

A bondade do nosso povo! Ia com meus filhos por Monsanto, quando encontrámos um padeiro sôbre o seu grande macho. To-

dos quizeram pão saloio, e eu comprei lh'o. Ouviu-se então a voz d'uma santa mulher, dona ali d'umas vaccas leiteiras, que me dizia: «Os meninos não hão de comer pão sem manteiga!» e logo nos presenteou com uma porção da mais deliciosa das manteigas.

Um dia que em Lisboa me succedeu entrar sem carteira para o americano, debalde a procuro em todos os bolsos, e, vendo-me sem dinheiro, vou para restituir o bilhete e sahir, mas já o conductor, muito mais embaraçado do que eu, delicadamente se afastara, fiando de mim a paga.

Os preconceitos da aristocracia intellectual são tão odiosos como os do nascimento ou riqueza.

Argumentos do coração. Uma desgraçada viuva d'um professor primario, meu amigo, que falleceu em Africa, explicava-me assim porque, apesar da sua pobreza, não podia separar-se dos filhos: «D'esta, porque é a mais velha, já quasi uma mulher, d'aquella porque é muito novinha—e o pae queria-lhe tanto!—, e do pequeno, porque é o unico rapaz.»

As sciencias sem as lettras pouco mais são do que uns roes de factos, assim como reciprocamente as lettras sem as sciencias não são muito mais do que dictionarios de palavras.

Quem estuda a natureza, precisa conhecer o espirito humano para conscientemente o applicar nesse estudo; e não é possivel estudar o espirito humano sem começar por o pôr á prova no estudo da natureza.

Na nossa epocha falta absolutamente a socialização dos homens de sciencia. Não vivem com as outras classes, e nem entre si. D'onde o seu pouco valor moral e até a sua esterilizaçoa. Um professor começará, promettendo muito, mas acabará quasi sempre sem dar nada. Porque? porque não tem publico, os discipulos não bastam. E' preciso restabelecer a vida de comunidade que d'antes se fazia nos conventos. Hoje poderá haver dois professores de mechanica no mesmo instituto, mas de costas voltadas um para o outro: é quasi certo que nunca

os encontraremos a trabalhar juntos no mesmo gabinete ou laboratorio.

Viver de igual para igual, parece que custa muito; até mais do que de inferior para superior, porque os mesmos homens de sciencia, que se não ligam respeitosa-mente pela sua livre vontade, submettem-se sem protesto ao arbitrio mais absurdo de qual-quer chefe administrativo ou politico.

Ainda assim, a virtude da vida publica é tal, que eu prefiro os politicos, com os seus vicios, mas com a sua sociabilidade e cor-tezia, a todos esses indifferentes, que affixam a independencia como um desinteresse, mas que o que são de facto, é indifferentes a tudo, ao bem como ao mal.

A capital vale mais do que a provincia: já ha certo espirito publico e uma *urbanida-de* que é um principio de cordialidade.

Entre nós, não ha quasi ninguem que se não considere bastante para honra e pro-veito do paiz. E, para ser o primeiro homem na sua especialidade, trata por todos os me-ios de ser o unico. Ainda é um louvar a Deus, quando o mesmo individuo não pre-tende açambarcar todas as especialidades! O direito é igual.

Ha pessoas que dos outros não vêem se-não os defeitos. Do sol só observarão as manchas. Coitadas! Andam todas empenha-das em denegrir os outros, sem reparar que para si entenebrecem a vida.

A' força de só notarem pequenezas, de as exaggerarem ao microscopio, a si mesmas se amesquinham e deformam.

Ha pessoas de espirito tão intrigante, que nãa se pode darlhes um recado: alteram-no e deturpam-no logo. E, quando alguem o recebe por ellas, precisa desinfectá-lo pri-meiro.

Todas as profissões deviam ser como a lavoira, em que a mulher e os filhos são os companheiros de trabalho do chefe da fa-milia. Infelizmente, quantas hoje divorciam os esposos, e até as creanças de mamma separam do collo das mães!

(Continuará).

## NOTAS PEDAGÓGICAS

por el profesor D. Manuel B. Cossio,  
Director del Museo Pedagógico Nacional.

### I

#### IDILIO PEDAGÓGICO

¿Quién duda ya á estas horas de que, en primer término, la causa más inmediata de nuestra catástrofe ha sido la ignorancia? Por ignorantes somos pobres é inmorales, y por ignorantes hemos cado y estamos dando al mundo uno de los espectáculos más vergonzosos de la historia. Pues toda-vía hay algo más desconsolador y depri-mente que esta ignorancia: la incapacidad en que, después del desastre, nos hallamos para salir de ella.

Fieles á toda nuestra imbécil política con-temporánea, en que, por milagro se ha vis-to á la educación y á la enseñanza figurar, como no sea vergonzantemente, arrinconadas y á última hora, en vísperas ya casi de la ruina, en ninguno de los innumerables y rimbombantes manifiestos de partido, y co-mo consecuencia de este criminal abando-no, no tenemos hoy conciencia clara, ni de nuestro atraso brutal—que no merece otro nombre,—ni de la magnitud é intensidad del remedio que exige; y por carecer de esa conciencia es por lo que nos falta corazón para indignarnos y voluntad para decidarnos inmediatamente á barrer tanta miseria.

He aquí los hechos. ¿Qué es lo más salien-te, casi lo único, que á la opinión pública, en sus timoratos ensayos de reforma (si ex-cluimos el programa de Costa), se le ha ocu-rrido pedir para salvar la primera enseñan-za? ¡Hacerla obligatoria! ¡Felicísima ocurren-cia y admirable simplicidad! Si no hiciera llorar de dolor, debería hacer desternillar de risa. Pero los respetables peticionarios, ¿ig-noran todavía que la instrucción primaria es obligatoria en España desde 1857, por «so-lemne» ley del reino? Y cuando, apesar de las multas que la misma ley establece, y con-firman, no sólo el Código penal, sino multi-tud de disposiciones ministeriales, tan bien intencionadas (?) como míopes, hay todavía á la fecha, de entre los cuatro millones (no completos) de niños de tres á doce años que el censo señala, dos millones y medio,

que no reciben enseñanza de ningún género; ¿no es hora ya de pensar para perseguir la ignorancia, en algún remedio más eficaz que el consabido tópico de la enseñanza obligatoria, de que con tanto éxito venimos disfrutando hace ya cuarenta años?

Y hacen bien esos dos millones y medio de niños en no ir á la escuela, y sus padres obran muy cuerdamente en no enviarlos. Porque si un día se les ocurriese obedecer nuestras sabias leyes, perderían el tiempo, y, lo que es más grave, la salud, como pierden ya ambas cosas gran parte de sus aplicados compañeros. Perderían el tiempo, porque no hay en España ni escuelas en qué meterlos, aunque fuese almacenados, ni suficiente número de maestros para educarlos de verdad; y perderían la salud, porque, los que malamente cupiesen, irían á envenenarse en el pestífero ambiente de unos locales infectos, donde hoy mismo están ya hacinados los niños que asisten; y con el tiempo y la salud perderían también la alegría y la despierta curiosidad que, en estas condiciones, no tardan en cambiarse en rutina servil y en horror á la escuela.

Mientras no haya maestros, pero muchos maestros, dignamente retribuidos, eso sí, según sus merecimientos; y locales, pero muchos locales, *baratos*, limpios y aireados; y mientras no se gaste en ello muchísimo más dinero del que ahora se gasta, todo quedará lo mismo que está, aunque sigamos recreándonos con la música celestial de la enseñanza obligatoria. Bonito recurso, sobre todo práctico y positivo, para regenerar la educación del pueblo, cuando tenemos 800 maestros con menos de 125 pesetas de sueldo (¡los hay con 75!); más de 2.000 que cobran sólo 250; 8.000 que no pasan de 500 y... ¿á qué seguir? ¿No es esto ya bastante sangriento? Si no se puede gastar nada para poner remedio á estos bochornos y «hacer país» por el único camino que hoy se conoce, callémonos y desesperémonos en silencio; pero que aprendan los novísimos reformadores que hay algo más de sustancia que pedir, y más inmediato que la enseñanza obligatoria y gratuita.

Y en la superior ¿á qué se aspira? ¡A la disminución de Universidades! No se puede

ser, ni más modesto en las pretensiones, ni más ciego. ¿Es por economía? ¡Pues si las Universidades —vergüenza da decirlo— son casi una fuente de ingreso para el Estado! Será, sin duda, que nuestras grandes desdichas nos vienen de nuestra mucha ciencia; que tenemos plétora de saber y nos sobran focos de cultura... Que no son las Universidades tales focos, esto ya es sabido: que están mal —aunque ni un ápice peor que todos los demás organismos— tan rematadamente mal, que es permitido dudar de si padecería algo la cultura del país el día en que todas se cerrasen. Suprímense en buen hora, pero todas; pues, por cerrar unas cuantas, ¿van á alcanzar las restantes el vigor científico, la vitalidad corporativa y el influjo social de que hoy carecen? Es más fácil echar cuentas regeneradoras, á ojo de buen cubero, que señalar los medios de reanimar nuestras moribundas Universidades. Y sin embargo, ¿hay que sanearlas de raíz, enviando maestros y estudiantes á aprender á vivir donde hay vida, ó dejarlas morir poco á poco, creando nuevos organismos que puedan llegar á hacer lo que ellas no hacen. La supresión de algunas, ¿qué remedia?

Y en la esfera oficial, el mismo desconocimiento, idéntica falta de adecuación entre necesidades y remedios. ¿Qué se ha hecho, al cabo, en este *año terrible*? Unas cuantas reformas de pormenor, cambios de nombre, provisiones de vacantes, aumento ó disminución de exámenes, asignatura ó año más ó menos. Todo, como si estuviéramos en el mejor de los mundos pedagógicos, y como si no fueran los principios mismos y las bases los que hay que remover.

De formación del personal, sólida, científica, rápida, intensa, como pide la urgencia del caso, por ser la única garantía de éxito de toda reforma, nada. De intento, al menos, de transformación del actual mecanismo, externo, rutinario, aparatoso, desmoralizador (porque todo él está hecho para el examen y el título), en obra viva, íntima y verdaderamente educadora, nada. De inspiración, siquiera de lejos, en aquellos elementos que han formado la *indiscutible* «superioridad de los anglo-sajones», nada. Nada, por último, de seguir en planes, métodos, pro-

gramas, la senda por donde han ido los pueblos superiores, y sin entrar por la cual continuaremos siendo, frente á ellos, una excepción vergonzosa.

En cambio, el mismo engañoso convencionalismo de siempre, igual fomento del pseudo patriotismo, de la eterna y falsa leyenda que nos ha perdido. ¿Se puede concebir que en la anterior discusión del presupuesto, ya en plena guerra y en medio del desastre, haya el Gobierno sostenido que no estamos tan mal en primera enseñanza, puesto que allá nos vamos con Inglaterra en número de escuelas? Pues pasó: ¡y sin protesta! He aquí ahora las cifras, para juzgar del fundamento. Maestros: en España, 30.000 para unos 18 millones de habitantes; en Inglaterra y Gales (sin Escocia ni Irlanda), 130.000 para otros tantos; alumnos: 1.100.000, por 5.500.000; gastos: 126.500.000 pesetas, por 158 millones de francos!

¿No hay razón para afirmar que con tales elementos hace falta un milagro para sacarnos de este pantano?

## II

### EDUCACIÓN SOCIALISTA

La revista pedagógica más importante de los Estados Unidos, *Educational Review*, publicó en el número de Enero de 1898 algunos puntos de vista del socialismo y del anarquismo en materia de educación. Hablaban en nombre del primero, nada menos que Mr. Charles H. Matchett, candidato del partido socialista obrero en las elecciones de 1896 á la presidencia de la República, y Mr. Lucien Sanial, candidato igualmente en las últimas elecciones municipales de Nueva York. Sin embargo, en sus artículos no pude llegar á formar un concepto claro y concreto del ideal educativo socialista; y en el número de Marzo de dicha revista, Mr. T. D. A. Cockerell, probablemente algún miembro distinguido del partido obrero, echando de menos aquella misma idea, exponía, en cambio, y como para subsanar el defecto, las dos condiciones fundamentales que, á su juicio, la educación ha de alcanzar bajo el régimen «cooperativo». Me ha parecido de interés el transcribirlas.

Helas aquí:

«1.<sup>a</sup> La educación se encaminará á desenvolver del modo más amplio las aptitudes del individuo, tanto para el trabajo como para las diversiones pacíficas. En la actualidad se dirige necesariamente, en la mayoría de los casos, á desarrollar aquellas facultades que tienen valor desde un punto de vista comercial, y á semejanza de lo que pasa con la producción de los artículos llamados útiles —útiles, claro es, para los compradores—en los que se busca la baratura y rapidez más que la excelencia. Todo profesor de ciencia ó de arte, en el más amplio sentido, sabe cuán pocos alumnos, en las actuales condiciones, pueden llegar á tener tiempo de hacer el mejor trabajo de que son capaces. Esto se alcanzará bajo el socialismo.

«2.<sup>a</sup> La educación no se limitará á un cierto período de la vida, sino que ha de continuar durante toda ella. Cada individuo podrá ejercitar sus facultades intelectuales ó mecánicas, y exigir instrucción, que se le dará gratuitamente, mientras viva. El estudio y el aprendizaje no acabarán nunca. Exactamente lo que hoy ocurre con toda persona culta, que tiene medios para ello; pero, mientras que ahora es esto una rarísima excepción, será lo normal bajo el régimen socialista.»

El autor añade que no es posible dudar de que, dadas nuestras actuales facilidades de producción, se obtendrían tales condiciones, si la sociedad se organizase sobre una base cooperativa.

De desear es que estos principios, comunes hoy á toda pedagogía radical y novísima, llámese socialista ó anarquista, positivista, krausista, etc., entren pronto y de todo en la conciencia universal, pasando de la teoría al hecho, y del pensamiento á la vida.

### LA COEDUCACIÓN DE LOS SEXOS EN FINLANDIA (1),

por Lucina Hagman,

Directora de la Escuela mixta de Helsingfors.

La primera escuela mixta de Finlandia fué organizada en Helsingfors el año 1883 por

(1) Resumen de una Relación presentada por la autora al Congreso feminista de Estocolmo, en Agosto de 1897.

iniciativa de algunos particulares de corazón ardiente y de cultivado espíritu, que hicieron, para lograr su objeto, grandes sacrificios pecuniarios. Su obra encontró por de pronto una ruda oposición, tanto por parte del Gobierno como de los particulares.

Quince años han trascurrido desde entonces, y hoy día vemos al principio de la coeducación de los sexos, no solamente admitido, sino triunfante, hasta el punto de haberse extendido las escuelas mixtas por todo el país. Desde Hangö (la ciudad más meridional de Finlandia) hasta Torneä (en la frontera de Laponia), se fundan liceos para niños de los dos sexos: su número se eleva en la actualidad á 30, once de los cuales admiten ya alumnos para el bachillerato. El número de alumnos que frecuentan estas escuelas asciende actualmente á 2.890 (en una población total de 2.400.000 habitantes), número que se halla en progresión creciente. Los padres más recalcitrantes, al principio, confían ahora, sin aprensión alguna, tanto á sus hijos como á sus hijas en manos de los profesores y profesoras, que por su respetabilidad y su saber triunfan cada vez más de los viejos prejuicios. Es de notar que el Estado se muestra más conservador y no subvenciona todavía sino con una débil suma las escuelas mixtas, que son sostenidas principalmente por particulares ó por Sociedades cooperativas, las cuales saben siempre hacer sacrificios para la propagación de un principio moralizador, que tiende á la elevación de la mujer y al progreso social.

Para creer en el porvenir de las escuelas mixtas es preciso tener fe en el valor de este método pedagógico; estar convencido que contribuirá al desarrollo normal de la humanidad y á la igualdad entre los sexos.

Por lo tanto, no encontrando ya esta fe adversarios serios en nuestros países del Norte, el experimento de las escuelas mixtas no es ni un acto caprichoso, ni una excentricidad; la idea está basada en principios morales y sociales que tienen sus raíces en lo más profundo del alma de las razas escandinavas. La idea de que la madre de las generaciones futuras tiene derecho al mismo grado de cultura que el sexo «fuerte», hasta aquí privilegiado, ha tomado cuerpo

dentro de la segunda mitad de nuestro siglo. El antiguo ideal, de la mujer creada exclusivamente para el hombre, se transforma, por la ley de la evolución, en un ideal nuevo: la mujer, más digna, más orgullosa, más libre y más dueña de sí misma, está llamada á representar en lo porvenir un papel muy distinto, y su influencia, una vez admitida en el gobierno de las sociedades futuras, será un bien.

Los organizadores de nuestras escuelas mixtas se han dicho: «tomemos por modelo nuestros *homes* (*hem* en sueco) (1), é introduzcamos en la escuela las costumbres que santifican á la familia y las relaciones entre hermanos y hermanas. Demos para gobernarla un sustituto al padre, pero igualmente otro á la madre. Encarguemos á los maestros, en unión de las maestras, de velar sobre el alma y el espíritu de los niños.»

¿Y adónde hemos llegado, después de una experiencia de quince años?

La resistencia encarnizada contra la coeducación de los sexos se resume en tres puntos, que suelen presentarse como axiomas:

1.º La salud de las niñas no resistirá el esfuerzo que se verán obligadas á hacer para seguir las lecciones de los varones y rivalizar con la inteligencia masculina, que, por su aptitud para los estudios abstractos, es superior á la inteligencia femenina.

2.º La enseñanza se resentirá naturalmente de esta inferioridad, porque se verá uno obligado á bajar el nivel de los estudios para ponerlos en relación con la debilidad física é intelectual de las niñas.

3.º El sistema de la coeducación traerá consigo peligros tales para la moralidad, que sería insensato exponerse á sus riesgos.

Permítaseme, después de haber dirigido durante doce años una escuela mixta, exponer aquí los resultados de mi experiencia.

Con objeto de observar exactamente si las alumnas comprometían su salud por los esfuerzos que se verían obligadas á hacer para seguir los estudios á la par que los varones, agregué desde el principio un médico á la escuela, con el encargo de velar por el

(1). *Hogar*, casa de familia.

estado físico de uno y de otro sexo. Esta reforma ha tenido por resultado el llamar la atención de los padres sobre las prácticas higiénicas en la casa paterna, las cuales han sido reconocidas como muy insuficientes.

Las reglas prescritas en la escuela obligan á los alumnos á tener un cuarto de hora de esparcimiento después de cada lección, bien en el patio ó el jardín del establecimiento, ó bien en los espaciosos corredores de la escuela. Además, es costumbre organizar á menudo excursiones en los alrededores bajo la vigilancia de los maestros y maestras, las cuales excursiones constituyen un placer muy del gusto de los niños.

En conjunto, las condiciones de higiene han sido más satisfactorias en las escuelas mixtas que en los establecimientos reservados á los varones, ó en los institutos para señoritas.

Con objeto de enterarme mejor de este asunto, he hecho una especie de información entre los alumnos salidos de la escuela mixta para sufrir sus exámenes. Próximamente el 98 por 100 de mis alumnos me han afirmado que su salud había sido tan buena, si no mejor, cuando frecuentaban la escuela como después de abandonarla. Hay para la juventud, fuera de la escuela, una infinidad de circunstancias perjudiciales á la salud, cuyos efectos son más perniciosos que los estudios hechos con regularidad y con método. Si la juventud observara en el mundo las reglas de higiene con mayor discernimiento del que acostumbra ordinariamente, la salud de las nuevas generaciones sería mejor, y no se acusaría á la escuela de sobrecargar el trabajo.

La oposición á la coeducación de los sexos se ha basado mucho tiempo en un argumento que venía de muy atrás: la diferencia radical entre el intelecto masculino y el femenino. Algunos sostenían, con una convicción imperturbable, que la capacidad cerebral de la mujer era por todos conceptos inferior á la del hombre. En oposición á este aserto, puedo citar los promedios de los certificados de estudios, que muestran la relación exacta entre los resultados obtenidos por los alumnos de uno y otro sexo durante su permanencia en la escuela: los boletines

de los niños dan un promedio de 7,10; los de las niñas, una de 7,89. Hay que tener en cuenta que en esas cifras no están comprendidos, ni los ejercicios prácticos, ni el canto, ni las labores de aguja, ni tampoco la gimnasia, en la que, por regla general, los varones demuestran mayor fuerza y destreza que sus compañeras.

La prueba de más peso, á mi modo de ver, la suministran los exámenes del bachillerato (1), para los cuales la escuela mixta prepara alumnos de ambos sexos. Aquí no hay ninguna parcialidad en favor de lo que se ha convenido en llamar el sexo débil. El examinador no deja de suspender lo mismo á la señorita que al joven, en caso de insuficiencia científica. Para mantenerse en la buena opinión de los padres, la escuela mixta está más obligada que nadie á presentar en la Universidad (2) sujetos que no sean inferiores á los de las instituciones que gozan de la confianza del país desde hace tiempo. Los adversarios inveterados del sistema objetarán quizás que las señoritas obtienen el puesto honroso á que nos referimos, gracias á una perseverancia, á una aplicación y á una paciencia innatas en la mujer, cualidades que no se avienen bien con la turbulencia natural de los varones, y que, por lo tanto, ellas no han suministrado la prueba de esa igualdad intelectual tan discutida en todo tiempo.

Admito sin dificultad que las cualidades arriba enumeradas sean inherentes á la naturaleza femenina é influyan hasta cierto punto en la obtención de las notas; pero ¿constituye eso acaso una prueba de inferioridad del sexo femenino? El genio mismo, si no tiene por corolario el esfuerzo sostenido, la buena voluntad y la energía, no llega al fin á que aspira, ni alcanza jamás el desarrollo armonioso del sér humano.

Una razón más seria para tener dudas sobre la equivalencia del intelecto femenino y el del hombre sería, según de ordinario se dice, la de que se tienen menos exigencias para con la mujer cuando se trata de erudi-

(1) Lo que en España llamamos examen de grado, ó sea el último examen.

(2) El grado de bachiller se efectúa ante catedráticos de la Universidad.

ción. Aquí también podría suministrar cifras exactas, dando un mentís á las insinuaciones de este género: año por año he revisado escrupulosamente las series de boletines, revisión que me ha proporcionado el convencimiento de que las señoritas no se aprovechan de ninguna ventaja á causa de su sexo.

Sería en gran manera fastidioso presentar aquí el resultado de mis observaciones en dichos boletines. Me limitaré, por tanto, á hacer constar que las afirmaciones de los detractores de la inteligencia femenina son reconocidas como inexactas después que se las comprueba por la experiencia. Se ha negado en todo tiempo á la mujer la aptitud para las matemáticas. Pues bien; yo he encontrado positivamente, iguales disposiciones para estos estudios en los varones que en las hembras; tanto en uno como en otro sexo, hay individuos fuertes y débiles; tan pronto es un chico el que sobresale como matemático, como es una de sus compañeras la que muestra disposiciones sorprendentes para una ciencia tan abstracta.

Durante el recreo, se ve á menudo que los niños se entretienen en resolver tal ó cual problema. Existe más presunción por parte de los varones, quienes alzan la voz y adquieran, por ciertos gestos agresivos, una prematura actitud de triunfadores; durante ese tiempo, las niñas, más despacio, pero con paciencia y asiduidad, llegan á su objeto, y el problema es resuelto tanto por el que tiene más prontitud de espíritu y más confianza en sí mismo, como por la que ha puesto más atención y conciencia en su trabajo.

Para la historia, se encuentran disposiciones idénticas en los dos sexos. Para las lenguas extranjeras, me ha parecido que las niñas muestran mayor aptitud, teniendo ordinariamente más facilidad para la pronunciación. Pero he notado que no se dedican, como los varones, á estudios especiales conducentes á un fin positivo: ellas se aplican más bien á hacer sus ejercicios, sea cual fuere la materia de la lección.

Las conclusiones que he podido sacar de mis observaciones, pueden resumirse de este modo. El desarrollo de la inteligencia femenina gana en armonía por la coeducación, y el carácter masculino se prepara me-

jor para la *struggle for life* que el de su compañera. Saco, en consecuencia, que la mujer, sometida durante tanto tiempo y apartada á un lado, no ha conquistado todavía la confianza en sus fuerzas, tan necesaria para desbrozar su camino y para formarse una opinión independiente. ¡Ha sido durante tanto tiempo enseñada á aceptar humildemente y sin discusión las verdades hechas de antemano, ó, mejor dicho, los prejuicios que se le han presentado bajo el disfraz de verdades respetables! Por eso duda todavía de su propio juicio para discernir lo que es útil á su desarrollo individual y lo que no lo es.

Aquí es donde se muestran las ventajas de la coeducación. Las niñas aprenden de los chicos á no aceptar más que con un cierto derecho de crítica lo que se les enseña, y á rechazar la fe en una autoridad infalible. Los varones se toman el trabajo de reflexionar concienzudamente antes de responder; ellos no tienen sino una limitada y prudente confianza en los lugares comunes presentados como axiomas, y no se apresuran á concluir demasiado pronto ni con demasiada seguridad. Se trata, por el contrario, de dar una opinión sobre cuestiones trascendentales, sobre acciones ó hechos dependientes de la conciencia ó de la moral; y yo he notado que la finura de la observación, la exactitud del juicio, se hallan generalmente del lado femenino. Las niñas no admiran sin reserva las grandes hazañas guerreras, las acciones ruidosas: bajo la coraza del héroe quieren oír latir un corazón humano y encontrar el respeto al derecho de otro; ellas no confunden fácilmente la brutalidad con el heroísmo.

Me falta refutar la más seria de las objeciones hechas á las escuelas mixtas: la referente á los peligros para la moral, peligros que resultarían lecciones mutuas aprendidas por chicos y chicas en la edad de la adolescencia. De la solución de este problema depende, en último término, la existencia de un sistema de educación que pone á los dos sexos en relaciones continuas.

Nada podrá prevalecer contra las razones de orden moral: debemos proclamarlo muy alto. Pero yo puedo resumir mi experien-

cia sobre este punto por una comprobación favorable en absoluto al método de la coeducación. Las aprensiones de los pesimistas han resultado tan exageradas como vanas. Lo que los ingleses llaman *flirtation* (1) no existe en manera alguna en la escuela mixta, donde los varones y las hembras rivalizan sobre los bancos de la clase y se miran como hermanos y hermanas en las horas de recreo y al salir de la escuela. El alumno de la escuela mixta, por lo mismo que aprende á conocer á fondo su camarada masculino ó femenino, no cae tan fácilmente en los lazos que tienden á uno y á otro sexo las relaciones engañosas de la sociedad mundana.

Si ocurriese que un sentimiento más tierno naciera poco á poco entre estos condiscípulos—lo que es excepcional, pues la concurrencia en los bancos de la escuela excluye las ideas románticas y los sueños de la imaginación—yo me permitiría preguntar si un conocimiento profundo de las cualidades y de los defectos del ser humano á quien se acepta por compañero hasta la muerte es algún mal que traiga consigo la ruina de la felicidad terrena ¿No se corren acaso riesgos incalculables, al confiar su porvenir á un casi-desconocido, á una aparición engañosa, que tiene el encanto de un enigma que ha de ser luego descifrado?

Además, ¿acaso el corazón del adolescente no guarda mejor su pureza cuando el hábito del compañerismo aleja las preocupaciones peligrosas?—Véase más bien la actitud completamente diversa del orgulloso alumno de un liceo al salir de su escuela, cuando encuentra á la joven alumna de un colegio de señoritas, con la cual ha hecho conocimiento en cualquier parte y que le dirige miradas. Existe un hecho que es cierto: á la vista de sus camaradas del sexo femenino, los varones se avergüenzan de entregarse á la brutalidad que desgraciadamente los caracteriza tan á menudo; y en cambio las niñas se cuidan de no merecer las burlas de los chicos, mostrándose demasiado pusilánimes, lloronas, amaneradas ó faltando á la compostura y á la gracia propias de su

sexo. Así es como nace y se desarrolla la dignidad de la mujer.

Finalmente, el hastío, ese lúgubre espectro, es desconocido en la escuela mixta. Durante los cuartos de hora de recreo, el timbre de las voces frescas y las carcajadas de la hermosa y despreocupada juventud, atestiguan el contento de los alumnos, para los cuales se tiene cuidado de preparar también placeres intelectuales. Una vez por semana, los niños y las niñas de las clases superiores se juntan para una *reunión de amigos*, é incumbe á los más listos ó á los más ocurrentes hacer el programa de la velada. Charadas en acción, declamaciones, discusiones y aun también representaciones teatrales, hacen pasar agradablemente las horas; y generalmente un rato de baile es lo que con frecuencia pone fin á la reunión. Se redacta también un pequeño periódico entre los compañeros, los cuales tienen en gran estima las producciones del espíritu.

Una palabra para terminar.

El solo hecho de colocar sobre los mismos bancos á muchachos y muchachas para unas mismas lecciones, no constituye el carácter propio de la escuela mixta; para alcanzar el ideal de esta escuela, es preciso que su dirección contribuya á hacer de ella el hogar donde se modelen tipos, tanto viriles como femeninos, que respondan á la idea sublime del Creador, que dividió á la humanidad en dos sexos, con aptitudes en parte idénticas, pero con naturalezas diferentes.

La educación, hasta hoy, ha falseado una y otra naturaleza, y la armonía del mundo ha padecido. La fuerza bruta ha sobrepujado al derecho, y los caracteres se han resentido de ello. La influencia masculina ha reinado en la escuela y la ha deformado. Que la mujer haga sentir en adelante, de concierto con el hombre, la influencia de las cualidades que son patrimonio de su sexo: la solicitud maternal, el amor al orden, el desprecio por las hazañas de la fuerza bruta, el *altruismo*, en una palabra, para servirme de un neologismo que expresa á la vez el espíritu de sacrificio, de adhesión, de moralidad, el culto al deber y la paciencia en las adversidades.

(1) Sin traducción exacta: se aproxima á coqueteo, devaneo, amoríos frívolos.—N. de la R.

Como tengo la convicción de que la escuela mixta se desarrollará fiel á su ideal, me atrevo á predecir que contribuirá á elevar el nivel de la moral en nuestras sociedades humanas; que formará verdaderos caracteres y que, sin salir de la vía que la naturaleza ha indicado, permitirá al hombre y á la mujer darse cordialmente la mano para trabajar juntos en la gran obra: el perfeccionamiento del género humano.

## REVISTA DE REVISTAS

ALEMANIA

### **Zeitschrift für Schulgesundheitspflege.**

(*Revista de higiene escolar*, Hamburgo.)

MAYO Y JUNIO

*Influjo de la escritura recta en la vista y la posición del cuerpo de los alumnos de las escuelas primarias de Carlsruhe*, por el doctor Gelpke. — Descartados los niños de vista normal, los experimentos del autor tuvieron por objeto comprobar en los anormales si padecían miopía ó debilidad de vista, y medir su grado respectivo en el acto de la escritura, ó á continuación de este ejercicio, juntamente con la inclinación del cuerpo y la desviación de la cabeza respecto de sus ejes vertical y sagital. Las medidas practicadas fueron: distancia del extremo temporal del ojo á los puntos de la pluma; del ángulo temporal derecho del párpado al codo, y de éste á la pluma; el ángulo formado por la línea céntrica de los ojos con la horizontal, y el de ambos hombros también con la horizontal. Los resultados de estas medidas, á que no puede darse total precisión científica, se relacionaron con la inspección de los cuadernos de escritura y con los informes de los maestros sobre su propia experiencia, y las instrucciones que tenían los alumnos para el ejercicio de la escritura. — Expone después en 13 cuadros detallados los datos individuales obtenidos, y el resumen de niños míopes, présbitas y de vista débil de dichas escuelas en 1897, comparados con los de 1887, para de su concienzudo examen poder inferir si la escritura recta y la posición central del papel, oficialmente dispuesta en 1891 para aquellas escuelas, ha ejercido en los escolares más ven-

tajoso influjo que la escritura oblicua. Queda por lo menos establecido que han disminuído los míopes; defecto éste debido, sobre todo, á la mala posición del cuerpo; que hay que examinar de nuevo los factores, de los cuales depende la difícil solución de elegir entre uno y otro sistema de escritura; que en lo posible hay que procurar reducir el tiempo destinado á ella, y que no puede concederse á la mayor rapidez obtenida con la escritura oblicua, sobre todo en el primer período escolar, la importancia que sus partidarios le atribuyen.

*Sociedades y reuniones.*—En Octubre último celebró una reunión la Sociedad de médicos de niños de Moscou, en que se dió cuenta de los resultados obtenidos en las 27 colonias escolares enviadas aquel año. Fueron examinados 37 niños, de 458 que las componían (diez años antes se envió la primera, con 19 colonos), los cuales ganaron más del 6 por 100 de hemoglobina, y cerca de un millón de glóbulos rojos por centímetro cúbico de sangre; y si bien pasados dos meses descendió esta proporción, puede afirmarse con toda certeza que los efectos que en el organismo infantil produce la vida de colono durante dos meses, son permanentes. La escuela práctica de la cátedra consagrada á la pedagogía en la Universidad de Jena convocó en Febrero último una reunión de padres de familia, con objeto de recomendarles los beneficios del baño en las escuelas, y desvanecer las dificultades que se le oponían, así por la pereza de los mismos alumnos, como por los reparos en manifestar el estado de su ropa interior, etc. Al mismo tiempo se les inculcó la necesidad de cuidar la dentadura de los niños, particularmente de siete á catorce años, aprovechando la desinteresada oferta de algún médico que á ello se había prestado. Se admitió la proposición de ampliar la representación electiva de las familias en el Consejo de padres, sobre la proporción que hoy tiene (un voto cada matrimonio; los demás son nombrados por la escuela); dióse cuenta de una excursión de los alumnos en Navidad, y se acordó reiterar á los padres la recomendación de que no diesen á los niños bebidas alcohólicas.—Ante la Sociedad de

médicos de Francfort informó el doctor Spiess (Marzo, 1899) sobre el nombramiento de once médicos escolares para las escuelas primarias de la ciudad, con un promedio de 1.700 niños á cargo de cada uno, y un sueldo anual de 1.000 marcos; el reglamento de sus funciones era imitado del de Wiesbaden, aunque sin intervenir por ahora en la higiene de la enseñanza, para no despertar los recelos de los maestros.—De otro trabajo del mismo autor resulta que, aparte la peculiar misión de los médicos escolares, corresponde á los de la ciudad, como antes, dar dictamen tocante á la construcción de nuevas escuelas, así como cierta superioridad respecto de las funciones de los primeros.—Sobre la estadística de los niños ocupados en la industria, se habló en la Sociedad alemana de higiene pública de Berlín; según ella, aparecen más de 25.000 (cerca de la octava parte de la población escolar de Berlín), trabajando en diferentes industrias, la mayor parte en la agricultura; y aunque tiene ventajas en cierto sentido esta ocupación, debería reglamentarse en forma que no se les ocupase antes de la hora de escuela, por la mañana, ni después de las ocho de la noche, y que se eximiese á los menores de diez años. Ante todo, procurar que mejoren las condiciones de la población pobre, cuyas necesidades obligan á los padres á emplear con exceso en el trabajo retribuido á sus hijos.

*Variaciones y noticias.*—Los alumnos de la Escuela superior realista de Friedrich Werder (Berlín) trabajan en su casa una hora diaria próximamente, como promedio; pero es tan desigual la capacidad entre algunos de estos alumnos, que, según observaciones hechas, el mismo trabajo efectuado en dieciséis minutos por uno de ellos, ha costado cerca de dos horas á otro; esto sirve de advertencia para graduar los deberes á medida de las diversas aptitudes.—De 1.322 escolares reconocidos por el doctor Nagel, 34 (el 2,7 por 100) tenían anomalías en la percepción de los colores.—Laméntase el doctor Ewald de la lentitud con que en Berlín se procede para resolver la cuestión de los médicos escolares, siendo así que esta institución debería ex-

tenderse, además de las escuelas públicas y municipales, á las del Estado, las privadas, jardines de la infancia y asilos. Caro cuesta, pero bien merece la pena el que tengan las escuelas debida limpieza, luz y ventilación.—El Reglamento aprobado para este servicio en Leipzig impone á los médicos dos capitales obligaciones: inspección de las condiciones higiénicas del edificio y cuidado de la salud de los escolares, debiendo para lo primero visitar las escuelas una vez cada mes, por lo menos, y reconocer, para lo segundo, en Octubre, á todos los niños de la clase 8.<sup>a</sup>, anotando en un formulario los resultados y dando cuenta escrita á los padres.—De las investigaciones hechas por un maestro de Würzburgo en 54 de sus alumnos, de diez á doce años, con respecto al sueño, resultó que sólo 20 dormían solos, circunstancia que, unida á la de madrugar excesivamente algunos de ellos, por sus ocupaciones, explicaba su escasa atención en las clases.—En el distrito de Minden se ocupan 1.400 niños de edad escolar en la industria del tabaco, con notable perjuicio para su salud (el polvo, el excesivo calor necesario para secar la hoja, etc).—La Dirección de escuelas de Londres ha hecho practicar una información para averiguar cuántos niños de edad escolar trabajaban en diversas industrias más de diecinueve horas semanales, resultando de ella un promedio de veintisiete horas; hay niño que trabajaba durante cincuenta y una; la retribución es de medio penique por hora.—En todas las escuelas públicas de Dresde se practica cada hora la ventilación por corriente, sin que sufra perjuicio alguno la salud de los alumnos.—En la escuela primaria de Teplitz hay instaladas 12 duchas, con un depósito de 1.000 litros de agua caliente.—Del 13 al 16 de Setiembre celebra en Nürenberg su 24.<sup>a</sup> asamblea la Sociedad alemana de higiene pública, y el 18 del mismo se reunirá en Munich la de naturalistas y médicos.—Merece ocupar seriamente la atención de maestros y funcionarios de educación las tareas del Congreso de Berlín (24 á 27 Mayo) para combatir la tuberculosis como enfermedad del pueblo. Las cinco secciones en que

aquél se dividió, son: propagación de la tuberculosis, etiología, profilaxis, terapia y sanatorios.—Acaba de fundarse otra Sociedad alemana de higiene popular, con la misión de difundir las enseñanzas de esta ciencia.—El ministro de Cultos de Prusia ha expedido á las provincias órdenes para que no se emplee á los niños de edad escolar en ocupaciones industriales desde las siete de la noche hasta las siete de la mañana. Lo mismo ha hecho la ciudad de Barmen, prohibiendo dicho empleo, con multa hasta de 30 marcos, desde las ocho de la noche hasta las seis y media de la mañana.—Según la instrucción para los médicos escolares de Heilbronn, deben reconocer éstos á todo niño á su ingreso en la escuela, y á los de las dos primeras clases; una vez al mes, la escuela entenderse con el médico de la ciudad para remediar las faltas observadas y dar su dictamen sobre la dispensa de ciertas enseñanzas á determinados alumnos.—En Charlottenburgo se aprobó en principio el nombramiento de cinco médicos con 300 marcos de sueldo y 1.800 alumnos por término medio.—En Berlín no se apresuran las autoridades á resolver esta cuestión, que por ahora queda reducida á contratar 20 médicos para los diez distritos escolares.—Igual embrionario estado ofrece en Viena á pesar de las frecuentes mociones de parte de algún individuo del Municipio, que presentó como ejemplo el resultado obtenido en Wiesbaden desde 1895.—También presenta resistencia la adopción de médicos escolares en Magdeburgo, cuya municipalidad está dividida respecto á lo que debe hacerse para remediar las múltiples necesidades de la población, sobre todo de la clase obrera.—Los gobernadores de las provincias de Prusia, en virtud de órdenes superiores, harán practicar un reconocimiento facultativo en seis escuelas elegidas de cada distrito, así respecto de la admisión de alumnos, como del edificio escolar y sus alrededores.—En Febrero se cerró la Real Normal de Maestros para la ciudad de Berlín, por hallarse atacados de *influenza* 61 de sus 80 internos.—En la clase de pedagogía de la Universidad de Jena, se celebró una reunión con objeto de estimular el estudio de la psicología

infantil y propagar sus resultados.—El 4 y 5 de Abril último se reunió en Cassel la segunda asamblea de las escuelas auxiliares de Alemania (para niños mentalmente débiles).—La Sociedad de maestros alemanes hace un llamamiento á todo el magisterio para combatir el empleo de los niños en trabajos industriales, en particular cuando es abusivo y se verifica con grave riesgo de su salud y de sus intereses morales.—El Director de escuelas de Viena, E. Bayr, ha propuesto á la superioridad establecer la enseñanza culinaria y de gobierno doméstico para las alumnas, por el estilo de las instaladas en otros países, hasta con carácter obligatorio, como sucede en Londres. El coste de las cocinas escolares y de su sostenimiento no puede ser excesivo, y aún algunas se pagan los gastos mediante la remuneración del trabajo producido en ellas.—*La Gimnastique française* excita la actividad de la comisión parlamentaria especial nombrada para averiguar las causas á que se debe la disminución del alumnado de los liceos franceses, á fin de que se revisen las leyes y disposiciones sobre locales para ejercicios físicos, sobre la proporción entre el número de alumnos y de profesores, sobre los métodos de enseñanza, etc.—El nuevo gimnasio femenino de Hannover comprende cinco años de estudios y termina con el bachillerato. Hasta la última clase, es igual la enseñanza para las alumnas; en aquélla, se bifurcan en griego y lenguas modernas, siendo el latín obligatorio; las demás asignaturas, como en los gimnasios masculinos.

*Disposiciones oficiales.*—Circular del Consejo escolar de Viena á los directores del distrito, encargando que reunan datos sobre el empleo en las industrias de los niños de edad escolar (14 Marzo 1899).—Idem del Real Consejo provincial de Brandeburgo á los directores de los establecimientos superiores de enseñanza, á fin de averiguar si existe recargo excesivo en los trabajos que los alumnos deben hacer en sus casas, y recordando el plan de estudios de 1891.—Idem del de Bucovina á los Consejos de distrito para que exciten á maestros y repetidores, á fin de evitar que pasen los alumnos de uno á otro grado de enseñanza sin

la preparación y desarrollo mental suficientes, y remedien en lo posible las faltas de aplicación y hasta de disciplina que se observan, en especial, por no aplicarse convenientemente los principios pedagógicos didácticos y las disposiciones de la ley de primera enseñanza del Imperio.—Reglamento para el servicio de los médicos escolares de Francfort del Mein. Consta de 16 reglas, en que se detallan todos sus deberes, figurando como principales el reconocimiento de todos los niños á su ingreso, la visita de escuelas, una vez en verano y dos en invierno, las conferencias cada 15 días, y las reuniones con el presidente de la diputación escolar ó con el médico municipal, tres veces al año, por lo menos. Los honorarios, 1.000 marcos anuales.

*Libros nuevos.*—*Poder visual de 50.000 escolares de Breslau, con instrucciones para el examen por parte de médicos y maestros*, por H. Cohn (en alem.) Breslau, 1899. El autor ha reconocido la vista del 90 por 100 de los niños de las escuelas de Breslau, sirviéndose para las pruebas de una especie de gancho (E) con la abertura en diversas posiciones y colocado á diversas distancias; reúne en estadísticas el enorme número de observaciones hechas (52.159 niños) y concluye que en los últimos treinta años han bajado del 4 al 1 por 100 las enfermedades de la vista; hecho que atribuye al descenso del padecimiento escrofuloso.—*La fatigüe intellectuelle*, por Binet et Henry. París, 1898. Critican las discusiones puramente teóricas que á esta materia consagró la Academia de Medicina de París, y mencionan los resultados del método experimental empleado por los fisiólogos modernos y que sólo en Alemania se ha realizado sobre el propio terreno, en la escuela. Prefieren el sistema del dictado al de las cuentas, por depender menos del ejercicio y de las circunstancias individuales.—*Higiene del trabajo escolar, fundada en las medidas de la fatiga*, por Kemsies (en alem.). Berlín, 1898. Sus conclusiones de promedio son: que la primera hora ofrece el tiempo más favorable para el trabajo, y la última el más desventajoso (lo mismo sucede con los días primero y último de la semana); que el esfuerzo exce-

sivo en una clase se advierte desfavorablemente en la siguiente, y que para estar bien hecho el trabajo, necesita realizarse despacio. Establece otras de carácter individual, de las que resulta la depresión muscular continuada como síntoma verdadero de fatiga, que á veces no se manifiesta por el ergógrafo, y asegura que debe contestarse afirmativamente la cuestión sobre la existencia del recargo en las escuelas superiores.—J. ONTANÓN.

## ENCICLOPEDIA

### PLAN DE SOCIOLOGÍA

por el profesor D. Gumersindo de Azcarate,  
Catedrático de la Universidad de Madrid (1).

#### Introducción.

Extremos que la introducción debe comprender, en correspondencia de los cuatro requisitos que ha de reunir el conocimiento científico, á diferencia del vulgar: *total, sistemático, verdadero y cierto.*

- A. Determinación del objeto de la sociología (total).
- B. Plan para el estudio de su contenido (sistemático).

(1) Sabido es que en 1896, y por iniciativa del Sr. Moret, Presidente á la sazón del Ateneo de Madrid, creó este centro una *Escuela de Estudios superiores*, con la mira de suplir con sus cátedras ciertas lagunas de la enseñanza oficial, llamando á ellas á los Sres. Echegaray, Riaño, Menéndez y Pelayo, Cajal, Pardo Bazán (doña Emilia), Ribera, Labra, San Martín, Fernández Jiménez, Sales y Ferré, Simarro, Salillas, Alas, Bolívar, Velázquez, Posada, Pedrell, Ribera, Cossío y otros.

El Sr. Azcarate tomó á su cargo una clase de sociología, que ha desempeñado durante dos cursos, y que, suspendida en el actual, acaso se reanude en el venidero. En el primero de estos cursos, estudió el concepto de la sociología, haciendo la exposición y crítica de dos libros de muy opuestas tendencias, que á este asunto se refieren: la *Introducción á la ciencia social*, de Spencer, y la *Introducción á la filosofía social*, de Mackenzie. En el segundo, trató del plan de la sociología, en forma directamente doctrinal, aunque con referencia siempre á las principales teorías actuales. El tercer curso debió haber sido destinado al método de esta ciencia, con lo cual habrían quedado examinados los tres problemas capitales de una *Introducción á la misma.*

El presente trabajo expone, en forma esquemática, el cuadro del segundo de dichos problemas, ó sea el organismo de cuestiones que, en sentir del autor, abraza la sociología.—(N. de la R.)

C. *Método* precedente (verdadero).

D. *Fuentes de conocimiento* (cierto).

*Plan.*

A. *División general.*

1. Distinción entre la *naturaleza* y la *vida* de la sociedad.
2. Distinción, en la vida, entre el contenido, ó los *hechos*, y las *leyes* que presiden á su desenvolvimiento.
3. Cómo el estudio de los *hechos sociales* toca á la *Historia social*.
4. Cómo el de los *principios* y de las *leyes*, á la *sociología*.
5. División, por tanto, de ésta en dos partes.

1.<sup>a</sup> *Filosofía social*: principios.

2.<sup>a</sup> *Biología social, ó filosofía de la Historia social*: leyes.

B. *División de la filosofía social.*

- 1.<sup>a</sup> sección. Consideración de la sociedad en general como *una*, como un *todo*.
- 2.<sup>a</sup> sección. Consideración de sus *elementos* (órganos y funciones).
- 3.<sup>a</sup> sección. *Relación* de unos con otros elementos, y de éstos con el todo.

1.<sup>a</sup> sección.

LA SOCIEDAD EN GENERAL

- a. *Concepto* de la sociedad: métodos para determinarlo; opiniones de los sociólogos; influjo en la determinación de estos elementos; pluralidad de individuos; fin común; organización; asiento; independencia y fuerza propia; las naciones y la sociedad humana.
- b. *Elementos primarios* de la sociedad: el individuo y la personalidad; diferencias naturales (edad, sexo, temperamento, vocación, etc., pasivos y creadores); *población*, en cuanto pluralidad de individuos; relaciones de la antropología con la sociología.
- c. *Vínculo social*: teorías teológica, social é histórica; conceptos mecánico, biológico y psicológico; concepto sociológico: parcial (religioso, económico, jurídico, político, moral, intelectual) y total (sociabilidad, solidaridad, socialización, instinto social, conciencia de la especie).
- d. *Territorio ó asiento social*: su importan-

cia; diversas opiniones acerca del influjo del medio natural; historia de esta cuestión; relación especial del territorio con el orden económico.

e. *Fin social*: ¿es cognoscible, ó incognoscible? ¿Es divino, natural, ó humano? Desarrollo orgánico y total; formas individuales y formas sociales; lo individual y lo universal; egoísmo y simpatía; lucha y cooperación; independencia y responsabilidad; la organización como fin propio social y medio para el fin último y humano.

f. *Actividad social*: ¿existe una conciencia social? Opiniones sobre este extremo; elementos, grados, modos de obrar, estímulos y garantías de la actividad social; organización de ésta.

g. *Escuelas*: su sentido general y su trascendencia á las particulares, estudiando:

1. *Sentido general*, según el concepto del *todo*: monismo, monadismo, mecanismo y organismo; su aplicación á la sociedad.

2. Según el concepto del *organismo social*: la sociedad, órgano particular del total; organismo natural independiente y vivo (un compuesto de organismos ó un organismo individual); organismo colectivo (natural, biológico, psíquico, contractual peculiar).

h. *Deducción sintética de la sociedad*: concepto de la síntesis; sistemas que no la consienten (puro empirismo y positivismo crítico); sistemas que la consienten en parte (evolucionismo); sistemas en que cabe (positivismo dogmático, monismo, idealismo); relación de la sociología con la metafísica; de la sociedad con la realidad toda.

2.<sup>a</sup> sección.

ELEMENTOS DE LA SOCIEDAD

- a. Conveniencia de estudiar á la par los *finés* y los *órganos*.
- b. Clasificación de los *finés*: crítica de las hechas por Spencer, Lilienfeld, De Greef, Mackenzie, Schäffle, Ward, René Worms, Fairbanks, Krause y Ahrens; bases para hacerla; clasificación: finés individuales,

espirituales (ciencia, arte y moral, en correspondencia con el conocimiento, el sentimiento y la voluntad) y corporales (industria); derecho y política (relación con la sociedad); religión (relación con la realidad toda); modo en que deben estudiarse los fines sociales, respectivamente, la sociología y las ciencias sociales particulares.

- c. Clasificación de los *órganos*: crítica de las hechas por los principales sociólogos.
1. El *individuo*, primer órgano de la actividad social; cómo se hace tal; activos y pasivos; los hombres necesarios; los especialistas; libre trato social.
  2. *Grados de asociaciones*: base para determinarlas: masas, colectividades, clases, agrupaciones, personas sociales.
  3. *Masas*: grupos indefinidos: público, auditorio, muchedumbre.
  4. *Colectividades*: una cualidad ó interés común; oficios y profesiones; espíritu profesional ó de cuerpo.
  5. *Clases*: una condición común jurídica ó social; indicaciones históricas; las clases sociales en la actualidad; concepto de la igualdad: esencial, jurídica, política y social; la aristocracia del prestigio.
  6. *Agrupaciones*: uniones para un fin concreto; escuelas, sectas y partidos; número indefinido de miembros y organización incompleta.
  7. *Personas sociales*: organización completa; clasificación de ellas por su *organización* (asociaciones, corporaciones y fundaciones); por su *complejidad* (simples y compuestas); por su relación con la *voluntad* (necesarias y voluntarias); por su *duración* (perpetuas y temporales); por su modo de ser *económico* (colectivas, anónimas y comanditarias); por su *finalidad* (totales ó fundamentales y especiales).
- d. Predominio mayor ó menor del carácter *social* en los fines, según su respectiva naturaleza: graduación de más á menos que cabe establecer en este respecto: política,

derecho, economía, religión, moral, arte, ciencia.

- e. *Fines y órganos científicos*: por qué el *fin científico* ha sido el último en la consideración sociológica; el individuo y la sociedad con relación á su cultivo; clasificación de las ciencias desde el punto de vista sociológico: ciencias teóricas y prácticas; ciencia primera y ciencias particulares; ciencia integral y ciencia profesional; ciencias sociales; ciencia oficial y ciencia libre.— *Organos*: el *individuo* (el genio y el medio social); las *masas* (la propaganda, el contagio); las *colectividades* (sabios é ignorantes; profesiones científicas); las *clases* (educación de unas por otras); las *agrupaciones* (escuelas y sectas; fanatismo é intolerancia); *personas sociales particulares* (Ateneos, Academias, Liceos, Universidades, etc.; influjo y organización).
- f. *Fines y órganos artísticos*: clasificación de las artes desde el punto de vista sociológico; el artista y el medio social; los distintos órganos de la actividad social, con relación á la realización del fin artístico.
- g. *Fines y órganos económicos*: lo natural y lo económico.
1. *Producción*: trabajo (de los adultos, de los niños y de las mujeres; la industria doméstica y la fábrica); capital (máquinas; su efecto respecto del individuo y de la sociedad); producto (el elemento natural y el humano; clasificación de las industrias).
  2. *Circulación*: permutas, moneda, crédito, vías de comunicación, mercados (protección y libre cambio); especulación.
  3. *Distribución*: capital y trabajo; remuneración del trabajo: salario, participación en los beneficios; cooperación; remuneración del capital; interés; remuneración de la tierra: renta; aparcería, cooperación; labriegos propietarios; la concurrencia y la ley de la oferta y el pedido.
  4. *Consumo*: por qué se ha dicho que es éste un capítulo todavía no escrito de la economía política; el lujo.
  5. Examen de los *órganos* dichos con

relación al fin económico: las masas y las clases sociales en el respecto de la riqueza; lucha de clases y sus formas; profesiones interesadas (agricultura, industria, comercio), y profesiones desinteresadas (médicos, abogados, políticos, militares, sacerdotes, artistas, científicos), según que preside á su ejercicio el interés particular ó el social.

6. *Clases de propiedad*: mueble é inmueble; individual y social; pública y común; la pequeña y la grande industria; el individuo y la sociedad con relación á cada una de ellas.

h. *Fines y órganos jurídicos y políticos*: carácter especial de este orden y necesidad de determinarle dentro del total organismo social.

1. ¿Es el derecho un producto social? La costumbre y la ley; el Estado oficial; gobernantes y gobernados; los partidos políticos; el cuarto estado; las personas sociales, oficiales y no oficiales.
2. Indicaciones de lo jurídico que interesa á la sociología: derecho de *personalidad* (personas sociales); de *propiedad* (condición del orden económico); de *familia* (matrimonio, divorcio, autoridad marital, patria potestad, patrimonio familiar); de *sucesiones* (la libertad de testar y las legítimas; deberes sociales de la riqueza); de *obligaciones* (libertad de contratación; contrato de trabajo; contrato de préstamo con interés; trascendencia social del crédito, de la asociación y del seguro); *penal* (sistemas penitenciarios; el delincuente y la sociedad; el delito colectivo); *procesal* (el jurado, gratuidad de la justicia); *político* (el principio del *self-government*; el sufragio universal y la democracia; representación de gremios; organización bicameral del Parlamento; los partidos); *administrativa* (tutela del Estado; régimen burocrático); *internacional* (personalidad de las naciones; la sociedad universal humana).

i. *Fines y órganos éticos ó morales*: dos puntos de vista: el subjetivo (sentido, sentimiento y razón), y el objetivo.

1. *Clases de moral*: filosófica y religiosa; ideal y positiva; teórica y práctica; individual y social; común y profesional.
2. *Moral social*: deberes que comprende el aspecto moral del problema social; piedad social.
3. *Sanción social*: clases de sanción; consideración especial de la social; la opinión pública; sus medios; requisitos para que sea eficaz.
4. *Órganos sociales de la moralidad*: el todo social; el sacerdote y el maestro; sociedades para el progreso de la cultura ética; instituciones de beneficencia, oficiales y libres; sociedades contra la embriaguez y la prostitución.
5. Tendencia á confundir la moral con la religión, con la ciencia y con el derecho, y á disgregarla de la industria y el arte.

j. *Fines y órganos religiosos*: cómo lo que interesa á la sociología en este punto es el influjo de la religión en la sociedad, según su índole, tendencias y organización; aspectos que importa considerar: dogma, moral, culto y organización.

1. *Dogma*: consideración de su influjo, según que sea la religión *positiva* ó *natural*; *monoteísta*, *panteísta* ó *dualista*; *optimista* ó *pesimista*; *fatalistas* ó *no*.
2. *Moral*: su influjo, según que sea dogmática ó abierta; vivida ó sólo profesada; preponderante ó subordinada á lo religioso, con sanción ultraterrena, ó sin ella.
3. *Culto*: formas que puede revestir; la piedad y la devoción.
4. *Organización*: sacerdocio y sus clases; jerarquía eclesiástica; organización interior; iglesias oficiales; teocracia de instituciones y teocracia de principios; la conexión de las causas en la Edad Media y la conexión de las doctrinas en nuestros días.
5. *Consecuencias para la sociología*: dua-

lismo de lo sagrado y lo profano; predominio del fin religioso; valor de la vida terrena, y, por tanto, de la social; universalización y particularismo; progreso y adaptación; ¿es la Religión un producto social?

6. *El cristianismo*: necesidad de tomarlo en cuenta; principio de humanidad que lo informa; reinado social del cristianismo; unitarismo y racionalismo cristiano.

### 3.ª sección.

#### RELACIÓN DE UNOS CON OTROS FINES Y ÓRGANOS Y CON EL TODO SOCIAL

##### a. División del contenido de esta sección:

1. Personas sociales totales.
2. Relación de unos fines y órganos con otros.
3. Relación de los mismos con el todo social.

##### b. *Personas sociales totales*: razón de tratar de ellas en esta sección, y no en la segunda.

1. *Concepto* de estas personas: ¿son naturales ó artificiales? La voluntad y el pacto.
2. *La Familia*: nacimiento (matrimonio); desarrollo (filiación; autoridad familiar; patrimonio); extinción (divorcio, muerte); el derecho sucesorio (interés social); otros elementos de la sociedad familiar (la familia troncal); el servicio doméstico.
3. *El Municipio*: ¿nace por arbitrio del Estado, ó por arbitrio de la voluntad individual? Municipios urbanos y rurales; atribuciones propias del municipio (administración, policía); atribuciones accidentales (beneficencia, enseñanza); socialismo municipal.
4. *La Región*: bases de su existencia: geografía, raza, tradiciones,
5. *La Nación*: Pueblo, Estado y Nación; condiciones de ésta: territorio, cultura y raza; genio é índole de cada pueblo.
6. *La Raza*: importancia sociológica; teoría antigua sociológica; influjo del medio natural y del social en su formación; razas naturales y razas histó-

ricas; inferiores y superiores; nómadas y sedentarias; salvajismo, barbarie y civilización.

7. *La Humanidad*: su realidad; su marcha en el sentido de una comunicación entre los pueblos cada vez más amplia; cosmopolitismo económico, científico y religioso.

8. *El Estado* y las personas sociales en cada una de éstas.

9. *Subordinación* de lo inferior á lo superior; egoísmo de familia, local, regional, nacional; localismo, regionalismo, nacionalismo.

##### b. *Relaciones de unos con otros fines y de unos con otros órganos.*

1. Valor respectivo de cada fin: cómo históricamente se han atribuido el predominio la religión y el derecho; tendencia actual á conferirlo á otros fines; concepción materialista de la Historia; unión armónica y orgánica de todos para la obra social.
2. *Relaciones de la Ciencia* con los demás fines; de las ciencias particulares que los estudian (Economía, Ética, Estética, Derecho y Política, Religión); de la Lógica y de la Metafísica; Ciencia y Arte; utopía y rutina.
3. *Relaciones del Arte*: con la Ciencia (¿puede sustituirla?); con la Industria (arte industrial); con la Ética (arte docente; elemento educador); con el Derecho y la Política (oratoria; literatura política); con la Religión (formas del culto).
4. *Relaciones de la Industria*: con la Ciencia (medios para su cultivo); con el Arte (material); con la Ética (influjo del bienestar y de la miseria en la conducta); con el Derecho y la Política (transformaciones económicas y consiguientes transformaciones jurídicas); con la Religión (recursos económicos; medios de propaganda).
5. *Relaciones de la Moral*: con la Ciencia (cultivo de ésta; desinteresado ó mercenario); con el Arte; con la Industria (deberes de la riqueza; el interés en el orden económico); con el Derecho y la Política (moralidad

pública y moralidad privada); con la Religión (lo que es ésta, desligada de la Moral).

6. *Relaciones del Derecho*: con la Ciencia (libertad ó restricción en su cultivo y propagación); con el Arte; con la Industria (industrias estancadas, monopolios, proteccionismo; libertad de trabajo, de crédito y de cambio); con la Ética (derecho y moral; el juego y la prostitución); con la Religión (iglesias oficiales; independencia de la Iglesia y del Estado).

7. *Relaciones de la Religión*: la misma en todos los fines; *laborare est orare*; con la Ciencia (teología, filosofía); con el Arte (pesimismo y optimismo); con la Industria (dignificación del trabajo, ascetismo); con la Ética (concepto de la piedad); con el Derecho y la Política (la justicia, como una expresión de la piedad).

*d. Relación de los fines y de los órganos con el todo social.*

1. Cómo las personas sociales totales y las relaciones entre los fines y los órganos son, respecto de la sociedad, lo que la trama y la urdimbre en la tela.

2. Puntos que comprende este particular: *a)* división del trabajo; *b)* solidaridad y sus consecuencias; *c)* el individuo y la sociedad; *d)* la organización social.

*a) División del trabajo*: su fundamento; su aplicación á todos los órdenes de la actividad; entre los individuos, los pueblos y las épocas de la Historia; ¿tiene ventajas, lo mismo para el individuo que para la sociedad? La solidaridad como su efecto principal.

*b) Solidaridad social*: concepto de ésta; solidaridad nacida de la conveniencia (trato social, cambio); ídem del contrato; ídem de la formación de las personas sociales en general, y en especial de la nación; causas de la solidaridad: simpatía, amistad, amor, admiración, imitación, contagio

moral, opinión, costumbre; consecuencias de la solidaridad; beneficencia (en su sentido más amplio: deudas del individuo para con la sociedad, y de la sociedad para con el individuo); educación (qué toca de ella á la Pedagogía y qué á la Sociología; formación del carácter del individuo; educación de unas clases por otras; de unos por otros pueblos; educación nacional; educación para la vida social).

*c) El individuo y la sociedad*: la división del trabajo y la solidaridad, ¿dejan intacta la individualidad, ó resulta ésta absorbida por el todo social? ¿Es el individuo fin ó medio? ¿Es una de esas cosas la sociedad? Soluciones de las escuelas: los genios y los hombres necesarios; el individuo como un producto social; solución ecléctica; cooperación, compenetración é interacción del individuo y de la sociedad; el individuo, á la vez materia social y agente mediador; personalidad y dependencia; individualismo y socialismo.

*d) Organización social*: historia del modo de concebirla; lo propio de la Sociología y lo propio de las ciencias sociales particulares; el individuo, la sociedad y el Estado; solución de las escuelas (anarquista, individualista ortodoxa, ídem heterodoxa, socialista conservadora, socialista de Estado, socialista radical).

7. *Conclusión*: cómo lo que parecía en la primera sección de la Filosofía social (la sociedad como un todo) indistinto y en la segunda (elementos) diferenciado, resulta en este tercero (relaciones) reintegrado.

*c. División de la Biología, ó Filosofía de la Historia social.*

I. Concepto de la Biología social.

II. Escuelas biológicas.

III. Leyes biológicas.

I. *Concepto de la biología social*: error de referirla exclusivamente al orden de la naturaleza; la ciencia de la vida y de sus leyes.

a. *Concepto de la vida*; indicaciones históricas; lo orgánico y lo inorgánico; el mudar, el devenir y el tiempo; lo factible, lo hecho y el agente; la existencia necesario-efectiva; la vida *in genere* y la vida en los órdenes particulares.

b. *Concepto de las leyes biológicas*: contradicción aparente entre lo mutable de la vida y la fijeza de la ley; distinción entre el principio, la ley y la causa, que estudian respectivamente la Filosofía, la Biología y la Historia; cómo los principios no se comprueban en la historia y se comprueban en ella las leyes; leyes biológicas generales y leyes especiales de cada orden social; método procedente para la determinación de las leyes biológicas.

II. *Escuelas biológicas*: puntos de vista ó bases de clasificación; existencia de las leyes; procedimiento para determinarlas; su naturaleza.

a. *Existencia de las leyes sociales*: escuela escéptica (relativismo; puro empirismo; el azar); negación de las leyes (por incompatibles con el libre arbitrio humano, ó con el divino); afirmación de las leyes (fisiócratas, economistas, filósofos, evolucionistas).

b. *Procedimiento para determinar las leyes*: método inductivo y método deductivo; cómo depende del concepto de la sociedad, según que se considere ésta como órgano del total organismo universal, como un organismo natural independiente, como un organismo individual ó colectivo, natural, biológico, psíquico ó sociológico; como un todo simple, una suma de partes, un mecanismo ó un organismo.

5. *Naturaleza de las leyes*: escuela que afirma el absolutismo de éstas (fatalismo); escuela que las admite como

tendencias que se cumplen cuando no hay causas perturbadoras; escuelas distintas acerca de la relación de la actividad humana social con las leyes biológicas (escuelas filosófica, histórica, ecléctica y armónica).

III. *Leyes biológicas*.

1. *La vida social es necesaria y permanente*: historia y crítica de la doctrina del pacto.

2. *La vida social es una*: unidad del sujeto; unidad del objeto; posibilidad de una Historia universal.

3. *La vida social es varia*: los pueblos; la Humanidad; elementos que determinan el modo particular de ser un pueblo; medio natural, raza, cultura; genio é índole de cada pueblo.

4. *La vida social es sucesiva y continua*: cómo esta ley hace posible la coexistencia de la unidad y de la variedad de la vida.

a. *Sucesión en el espacio*: de pueblo á pueblo; trasmisión impuesta ó voluntaria; directa ó indirecta; yuxtaposición, oposición, asimilación y unión del elemento exótico y del elemento nacional.

b. *Sucesión en el tiempo*: de época á época; receptividad y espontaneidad; el hecho y la idea; la tradición y el progreso; las revoluciones.

5. *La vida social es orgánica*: diferenciación de los fines de la actividad; relaciones é influjo recíproco entre ellos.

6. *La vida social es progresiva*.

a. *Historia del concepto del progreso*: las dos tradiciones opuestas del mundo antiguo; escritores de los siglos XVI, XVII y XVIII.

b. *Escuelas modernas*: el devenir de Hegel; doctrina de la evolución de Spencer; escuelas organicistas y sus variedades; escuelas independientes.

c. *Variación de leyes*: elementales y compuestas; oposición real ó aparente de algunas de ellas; selección y elección; variabilidad y

herencia; diferenciación é integración; lucha y cooperación; imitación é invención; adaptación y acción humana; progreso natural y progreso artificial; supervivencia y parasitismo; necesidad de reducir á unidad las leyes particulares cuya acción, combinada, produce el cambio, la evolución, el progreso.

d. *Cuestiones que se deben resolver previamente.* ¿Con relación á quién se ha de estudiar esta ley? ¿Al individuo, al grupo, á la Humanidad? Necesidad de distinguir entre la ley, el medio y el resultado; peculiaridad de la ley del progreso cuando se trata de la vida social; causa determinante del progreso; progreso activo y pasivo, natural y artificial; ¿es la evolución sólo progresiva, ó también regresiva?

e. *Modo de verificarse la evolución:* cómo el cambio supone *variabilidad* y permanencia; cómo la *variabilidad* depende de la *propia actividad* de los seres y del *medio*; predominio de éste en la doctrina evolucionista; cómo, por eso, lo fundamental en ella es la *adaptación al medio*; cómo la necesidad de ésta produce la *lucha por la existencia*; ésta, la *supervivencia de los más aptos*; ésta, la *selección*, y ésta la conservación y mejora, mediante la *herencia*.

f. *Aplicación de la ley del progreso á la sociedad:* elemento nuevo que hay que tomar en cuenta: la *propia actividad*; lo que pone como desde dentro; cómo influye en las condiciones del medio y en el modo de adaptarse á él y en la dirección de la evolución; el progreso artificial; la selección artificial; cómo el hombre modifica el medio artificial y se hace el medio social; elementos psíquicos de la lucha por la existencia; formas racionales de la lucha y formas irracionales.

g. *Resultado, sentido y dirección de la ley:* examen de la doctrina de Spencer; tránsito de la homogeneidad indefinida é incoherente á una heterogeneidad definida y coherente; la diferenciación y la integración; aplicación á la vida social; cómo la Historia viene caminando de lo uno á lo vario, de lo simple á lo compuesto; el *status* y el contrato; cómo la división del trabajo entre los individuos, los pueblos y las civilizaciones, y su comunicación, implican la diferenciación y la integración; influjo que en el resultado de esta ley producen el grado y condiciones de la *organización social*.

---

## INSTITUCIÓN

---

### EXTRACTO DEL ACTA

DE LA JUNTA GENERAL DE SEÑORES ACCIONISTAS  
CELEBRADA EL DÍA 28 DE MAYO DE 1899

Reunidos los señores que en el acta original se indica (con 182 votos hábiles) en el local de la *Institución libre de Enseñanza*, á las dos de la tarde del día de la fecha, bajo la presidencia accidental de D. Agustín Sardá, en ausencia de los señores Presidente y Vicepresidente de la Directiva, el Secretario dió cuenta de los accionistas presentes y representados en la Junta. Leída el acta de la anterior, fué aprobada. Se leyó el art. 14 de los Estatutos, y de conformidad con él la nota de Secretaría, en que se expone la vida económica y estado de la Sociedad, que fué aprobada, después de algunas explicaciones pedidas por varios señores socios.

Leído el art. 6.º de los Estatutos, que trata de la renovación de tres individuos de la Junta Directiva, correspondiendo salir á los Sres. D. Segismundo Moret, D. Juan Morales y Serrano y D. José Manuel Pedregal, la Junta resolvió que sean reelegidos los mismos. El señor Presidente pidió á la Junta que nombrase la Comisión que ha de revisar las cuentas presentadas por la Directi-

va, hasta 20 de Mayo, y su apéndice luego, hasta 30 de Junio; siendo designados para ella los Sres. D. Juan Uña y D. Antonio Portuondo. El señor Presidente indicó la conveniencia de que la Junta examinase si debería variarse la hora establecida para la reunión anual, acordándose, después de breve discusión, autorizar á la Directiva para variarla, si lo estima oportuno. Finalmente, por indicación de varios accionistas, se acordó que constara en el acta el aplauso unánime y la viva satisfacción con que la Junta ha visto los esfuerzos realizados por la «Corporación de antiguos alumnos de la Institución» en favor de las Colonias escolares, preparándose en estos momentos á llevar á la práctica la cuarta, que será más numerosa que las anteriores.

Y no habiendo más asuntos de que tratar, se levantó la sesión, de cuya acta extracto el presente, que firmo en Madrid, con el V.º B.º del señor Presidente, á 30 de Mayo de 1899. — *El Secretario*, G. FLÓREZ. — V.º B.º.—*El Presidente accidental*, AGUSTÍN SARDÁ.

## LIBROS RECIBIDOS

Sanz y Escartín (Eduardo).—*Las Asociaciones obreras y el Catolicismo*.—Madrid, Hijos de J. A. García, 1894.—Don. de D. J. Navarro de Palencia.

Ordax (D. Federico).—*Cuba: antecedentes, reformas y estado actual*.—Madrid, Pacheco Latorre, 1895.—Don. de íd.

Calvo Camna (D. Pedro).—*La instancia única en lo civil y la organización de Tribunales*.—Pontevedra, J. Eiras, 1894.—Donativo de íd.

Vascáno (Antonio).—*Ensayo biográfico del célebre navegante y consumado cosmógrafo Juan de la Cosa*.—Madrid, V. Faure, 1892.—Don. de íd.

Ferneuil (Th.).—*Nos mœurs parlementaires*.—Bordeaux, Feret et fils, 1895.—Donativo de íd.

Hoyos Sáinz (Luis de).—*La segunda enseñanza*.—Madrid, Avrial, 1894.—Don. de íd.

Costa (D. Joaquín).—*Los ayuntamientos y las alineaciones de calles*.—Madrid, «Revista de Legislación», 1889.—Don. de íd.

Delorme Salto (Rafael).—*Cuba y la refor-*

*ma colonial en España*.—Madrid, Pacheco, 1895.—Don. de íd.

Insúa (Waldo A.).—*El problema cubano*.—Madrid, 1897.—Don. de íd.

Sánchez Segundo (D. José).—*Estudios y observaciones sobre los presupuestos generales del Estado*.—Madrid, Castroviejo, 1898.—Don. de íd.

Toro (Gaspar).—*Notas sobre arbitraje internacional en las Repúblicas latino-americanas*.—Santiago de Chile, Mejía, 1898.—Donativo de íd.

Centeno y García (D. José).—*Memoria sobre los temblores de tierra ocurridos en Julio de 1880 en la isla de Luzón*.—Madrid, «La Guirnalda».—Don. de íd.

Idem.—*Estudio geológico del volcán de Taal*.—Madrid, M. Tello, 1885.—Don. de íd.

Idem.—*Memoria descriptiva de los manantiales minero-medicinales de la isla de Luzón*.—Madrid, Tello, 1890.—Don. de íd.

Bofarull y de Sartorio (D. Manuel).—*Tres cartas autógrafas é inéditas de Antonio Tallander, Mossen Borra*.—Barcelona, J. Jepús, 1895.—Don. de íd.

Alzola (D. Pablo).—*Discurso en la Diputación de Vizcaya*.—Bilbao, Impr. Provincial, 1890.—Don. de íd.

Hernando y Espinosa (D. Benito).—*Discurso de apertura en la Universidad Central. Curso de 1898-99*.—Madrid, Imprenta Colonial, 1898.—Don. de íd.

Permanyer y Ayats (D. Juan J.).—*Discurso en la Academia de Jurisprudencia de Barcelona*.—Barcelona, Imprenta Barcelonesa, 1896.—Don. de íd.

Redacción de la «Revista de los Tribunales».—*Contestación al programa de preguntas para las oposiciones á las plazas de aspirantes á Registros de la propiedad*.—Madrid, Góngora, 1880.—Don. de íd.

Mac-Donald (Arthur).—*Emile Zola. A study of his personality*.—Washington, D. C., 1898.—Don. del autor.

Idem.—*Further Measurements of Pain*.—(Reprinted from «The Psychological Review», 2, March, 1899.)—Don. de íd.

Idem.—*A temporal Algometer*.—(Reprinted from «The Psychological Review.» 4 July, 1899.)—Don. de íd.

Hoyos Sáinz (Luis de).—*Anuarios de bi-*

*bliografía antropológica de España y Portugal*, 1896 y 1897.—Madrid, Asilos de Huérfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1898.—Don. de íd.

Idem.—*L'Anthropologie et la Préhistoire en Espagne et en Portugal en 1897*.—París, Masson, 1898.—Don. de íd.

Giner de los Ríos (Hermenegildo).—*Nociones de Lógica*.—Barcelona, Casa provincial de Caridad, 1899.—Don. de íd.

Fontenelle (Dr. J. de.).—*Les microbes et la mort*.—(De la Biblioteca *Les livres d'or de la science*).—París, G. Reinwald Schleider.—Don. del editor.

Griveau (M.).—*Les feux et les eaux*.—(De la Biblioteca *Les livres d'or de la science*).—París, Reinwald Schleider.—Don. de íd.

Giner (Francisco).—*Estudios y Fragmentos sobre la Teoría de la persona social*.—Madrid, Rojas, 1899.—Don. del autor.

Harold Cox.—*The West Indian Agitation*.—London, Cassell.—Don. del «Cobden Club».

Idem.—*Protection in India*.—London, Casell.—Don. de íd.

Davies (Geo. E.).—*The effects of sugar bounties*.—London, Cassell.—Don. de íd.

Farrer (The Right Hon. Lord).—*Sugar-Bounty, Conference 1898. A Retrospective and a Warning*.—London, Cassell.—Don. de íd.

González Serrano (U.).—*Preocupaciones sociales*. Segunda edición.—Madrid, F. Fe, 1899.—Don. del autor.

Portuondo (Antonio).—*Apuntes sobre Cálculo de probabilidades, Teoría de los errores y Método de los mínimos cuadrados*.—Madrid, Fortanet, 1898.—Don. de íd.

F. Ferráz (Juan).—*Museo nacional de Costa Rica. Informe relativo al primer semestre del año económico de 1898 á 1899*.—San José, Tipografía Nacional, 1898.—Don. del autor.

*Memoria y cuenta general del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Madrid, correspondiente al año de 1898*.—Madrid, V. Faure, 1899.—Don. del Consejo de Administración.

*Informe relativo á la organización de los Museos y Parque histórico-naturales de Barcelona*.—Barcelona, Henrich, 1899.—Donativo del Ayuntamiento de Barcelona.

Santamaría de Paredes (V.).—*El concepto de organismo social*.—Madrid, F. Fé, 1896.—Don. del autor.

Chucarro (D. Urbano).—*Memoria correspondiente al año 1896, presentada á la Dirección general de Instrucción pública por el Inspector nacional de Instrucción primaria*.—Montevideo, «La Nación», 1897.—Donativo de íd.

Richet (Ch.).—*Les guerres et la paix*. (De la Biblioteca *Les livres d'or de la science*).—París, Reinwald Schleider.—Don. del editor.

Universidad Central de España.—*Memoria del curso de 1897 á 1898 y Anuario de 1898 á 1899 de su distrito universitario*.—Madrid, Imprenta Colonial, 1899.—Don. de la Universidad.

Otero (D. José) y Heredia (D. Rafael).—*Elementos de contabilidad para uso de los alumnos de las Escuelas de Comercio, etc.*—Madrid, Hernando, 1899.—Don. del señor Otero.

Michaud D'Humiac.—*Les grandes légendes de l'humanité*. (De la Biblioteca *Les livres d'or de la science*).—París, Reinwald Schleicher, 1899.—Don. de ídem.

Binet (A.).—*Introducción á la psicología experimental*.—Traducción española con prólogo de D. J. Besteiro.—Madrid, F. Fé, 1899.—Don. de D. A. do Rego.

Instituto de la Coruña.—*Memoria del curso de 1896 á 1897*.—La Coruña, Tip. de «La Mañana», 1899.—Don. del Instituto.

Idem.—*Memoria del curso de 1897 á 1898*.—La Coruña, Tip. de «La Mañana», 1899.—Don. de ídem.

Ribot (Th.).—*Las enfermedades de la voluntad*.—Traducción española de R. Rubio.—Madrid, Juste, 1899.—Don. del traductor.

Idem.—*Las enfermedades de la memoria*.—Traducción española de R. Rubio.—Madrid, F. Fé, 1899.—Don. de ídem.

Idem.—*La psicología de la atención*.—Traducción española de R. Rubio.—Madrid, E. Rojas, 1899.—Don. de íd.

Idem.—*Las enfermedades de la personalidad*.—Traducción española de R. Rubio.—Madrid, E. Rojas, 1899.—Don. de ídem.